

ISSN - 2184-7045



REVISTA

da Casa de Goa

II Série - Número 11 - Jul/Ago 2021

II Series - Issue 11 - Jul/Aug 2021



A Diáspora | *The Diaspora*

Ficha Técnica

II Série, Número 11, Julho-Agosto 2021

Diretor

Vasco Soares da Veiga (Portugal)

Conselho Editorial

José Filipe Monteiro (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Colaboradores Residentes

Armand Rodrigues (Canadá)
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Mário Viegas (Portugal)

Colaboram neste número

António Fonseca (Canadá)
Armand Rodrigues (Canadá)
Chiara Panizzi (Portugal)
Gilbert Lawrence (EUA)
João Manuel Pacheco de Figueiredo (EUA)
José Filipe Monteiro (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Maria Ana Barbosa Noronha e Costa (Goa)
Mousinho de Ataíde (Goa)
Óscar de Noronha (Goa)
Philomena Lawrence (EUA)
Pratapananda Naik (Goa)
Salus Correia (Australia)
Valentino Viegas (Portugal)

Publicação bimestral (seis números por ano), versão em PDF, disponível online

Design/Diagramação

Juliano Martins Mariano

Assistente Editorial

Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisboa.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: geral@casadegoa.pt
www.casadegoa.org

@ Casa de Goa.
ISSN 2184-7045

Sucede aos números anteriores de (ordem alfabética) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter e Revista da Casa de Goa, publicados entre 1989 e 2019.

Publicidade comercial e donativos – contato: geral@casadegoa.pt

Capa: Migração de flamingos, cortesia: António Guerra
(<https://www.flickr.com/photos/ajmguerra/>)

Technical Datasheet

II Series, Issue 11, July-August 2021

Director

Vasco Soares da Veiga (Portugal)

Editorial Board

José Filipe Monteiro (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Resident Contributors

Armand Rodrigues (Canada)
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Mário Viegas (Portugal)

Contributors to this issue

António Fonseca (Canada)
Armand Rodrigues (Canada)
Chiara Panizzi (Portugal)
Gilbert Lawrence (USA)
João Manuel Pacheco de Figueiredo (USA)
José Filipe Monteiro (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Maria Ana Barbosa Noronha e Costa (Goa)
Mousinho de Ataíde (Goa)
Óscar de Noronha (Goa)
Philomena Lawrence (USA)
Pratapananda Naik (Goa)
Salus Correia (Australia)
Valentino Viegas (Portugal)

Bimonthly publication (six issues per year), PDF version, available online

Design/Layout

Juliano Martins Mariano

Editorial Assistant

Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisbon.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: geral@casadegoa.pt
www.casadegoa.org

@ Casa de Goa
ISSN 2184-7045

This publication follows previous issues of (alphabetic order) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter, and Revista da Casa de Goa, published between 1989 and 2019.

Commercial advertising and donations – contact: geral@casadegoa.pt

Cover: Flamingo migration, courtesy: António Guerra
(<https://www.flickr.com/photos/ajmguerra/>)

NORMAS EDITORIAIS

A Revista da Casa de Goa é o órgão oficial da Casa de Goa.

Contém secções regulares abaixo indicadas, nas quais os artigos podem ter limite máximo de palavras e figuras.

1.Capa

2.Conteúdo

2.1.Editorial

2.2.Secções

- 2.2.1. Artigo Original (limite de 4000 palavras e 8 figuras)
- 2.2.2. Goeses ilustres (limite de 2500 palavras e 4 figuras)
- 2.2.3. Personalidade (limite de 2500 palavras e 4 figuras)
- 2.2.4. Opinião ou Crónica (limite de 1500 palavras)
- 2.2.5. Conto (limite de 1500 palavras e 1 figura)
- 2.2.6. Ecologia e Ambiente (limite de 2000 palavras e 4 figuras)
- 2.2.7. Cantinho do Concani (limite de 2000 palavras)
- 2.2.8. Entrevista (limite de 2500 palavras e 4 figuras)
- 2.2.9. Crítica de Livro (Limite de 1500 palavras e 1 figura)
- 2.2.10. Carta ao Diretor (limite de 400 palavras e 1 figura)
- 2.2.11. Noticiário (limite de 250 palavras e 1 figura por notícia)

Normas de publicação

Os artigos submetidos devem versar temas relacionados com investigação, preservação e divulgação da identidade cultural de Goa, Damão e Diu.

Os artigos são submetidos à aprovação do Diretor, enviados por correio eletrónico para geral@casadegoa.pt

Língua de publicação: a revista é bilingue – são aceites artigos em português (novo acordo ortográfico é opcional) e inglês; o Conselho Editorial reserva-se o direito de rever aspetos formais, nomeadamente o português e o inglês. Exceção é feita ao Espaço do Concani, para artigos publicados em concani romano com a tradução para português.

Se algum artigo original exceder o limite de palavras, este poderá ser publicado em partes, em números consecutivos da Revista. Em casos excecionais e por decisão editorial, o limite de palavras figuradas pode exceder o acima referido.

Pontualmente poderão ser adicionadas outras secções, de acordo com o tipo específico dos artigos (depoimento, poema, etc).

Os artigos devem conter um Resumo (português) e Abstract (inglês) com limite de 150 palavras, respetivamente, não sendo obrigatório para artigos com menos de 1500 palavras e para artigos anteriormente publicados noutras revistas. Se o autor não estiver à vontade para escrever em ambos idiomas, a Revista compromete-se a traduzir no idioma diferente ao da versão integral do artigo.

Todos os artigos submetidos são sujeitos à apreciação pelo Conselho Editorial, podendo ser aceites sem alterações, sujeitos a alterações sugeridas, ou não aceites.

Distribuição e divulgação: distribuída por correio eletrónico aos sócios da Casa de Goa, associações de goeses da diáspora e jornais em Goa. A revista é de livre acesso e de divulgação livre.

As opiniões expressas nesta Revista não traduzem as ideias e pontos de vista dos editores, mas sim a dos próprios autores

EDITORIAL INSTRUCTIONS

The Revista da Casa de Goa is the official magazine of Casa de Goa.

It contains regular sections as given below, in which articles may have a limit of words and illustrations.

1.Cover

2.Content

2.1.Editorial

2.2.Sections

- 2.2.1. Original Article (word limit 4000, maximum six illustrations)
- 2.2.2. Outstanding Goans (word limit 2500, maximum four illustrations)
- 2.2.3. Personality (word limit 2500, maximum four illustrations)
- 2.2.4. Opinion or Feature (word limit 1500)
- 2.2.5. Short Story (word limit 1500, maximum one illustration)
- 2.2.6. Ecology and Environment (word limit 2000, maximum four illustrations)
- 2.2.7. Konkani Corner (word limit 2000)
- 2.2.8. Interview (word limit 2500, maximum four illustrations)
- 2.2.9. Book review (word limit 1500, maximum one illustration)
- 2.2.10. Letter to the Director (word limit 400, maximum one illustration)
- 2.2.11. News (word limit 250, maximum one illustration per new)

Publication Norms

Articles submitted for publication should address topics related to research, preservation and dissemination of the cultural identity of Goa, Damão and Diu.

Articles are to be emailed to the Director at geral@casadegoa.pt for approval.

Language of publication: The magazine is bilingual - articles are accepted in Portuguese (new spelling agreement is optional) and English; The Editorial Board reserves the right to review formal aspects, namely Portuguese and English. An exception is made for the Konkani Corner, dedicated to articles published in Konkani language in Roman script, with translation into Portuguese.

If an original article exceeds the word limit, it may be published in parts, in consecutive issues of the Revista da Casa de Goa. In exceptional cases and according to the editorial decision, the limit of words and illustrations may exceed the aforementioned.

Other sections may be added occasionally, according to the specific type of articles (testimony, poem, etc.).

Articles must contain Resumo (Portuguese) and Abstract (English) in up to 150 words, respectively, not mandatory for articles with less than 1500 words and for articles previously published in other magazines. If the author is not skilled in writing in both languages, the Revista da Casa de Goa undertakes to translate to the other language based on the full version of the article.

Articles submitted for publication are subject to review by the Editorial Board and may be accepted without changes, or subject to suggested changes, or not accepted at all.

Distribution and dissemination: distributed by e-mail to members of Casa de Goa, Goa Diaspora associations and newspapers in Goa. This is an open access magazine, free to share.

The opinions expressed in this magazine do not reflect the ideas and points of view of the editors, but rather those of the authors themselves.

ÍNDICE | TABLE OF CONTENTS

Página
Page

EDITORIAL

- A diáspora no ADN Goês | The diaspora in Goan DNA - *José Filipe Monteiro* 1-2
- Uma promissora parceria editorial | A promising editorial partnership - *Lúis Pereira da Silva & Salus Correia* 3-5

ARTIGOS ORIGINAIS | ORIGINAL ARTICLES

- Os goeses católicos de Lisboa: a relação com a terra de origem entre memória e construção de pertença | Goan Catholics of Lisbon: the relation with Goa between memory and belonging – *Chiara Panizzi* 6-9
- Goa - Emigração e Imigração | Goa - Emigration and Immigration - *António Fonseca* 10-12
- Diáspora goesa: a história e a idiossincrasia | Goan diaspora: history and idiosyncrasy – *José Filipe Monteiro* 13-17
- Factors forcing Goan out-migration from the 18th to mid-20th century (World War II) | Fatores que forçaram a emigração goesa do século XVIII a meados do século XX (II Guerra Mundial) - *Philomena Lawrence and Gilbert Lawrence* 18-21

CRÓNICAS | FEATURES

- Dia de Júbilo para os Goeses | Day of Joy for Goans - *João Manuel Pacheco de Figueiredo* 22-24
- A diáspora goesa | The Goan diaspora – *Valentino Viegas* 25-27
- Goans and a move to greener pastures | Os goeses e a sua deslocação para prados mais verdes – *Armand Rodrigues* 27-29
- Displaced people re-settled successfully | Os deslocados reinstalaram-se com sucesso – *Armand Rodrigues* 30-31

PERSONALIDADE | PERSONALITY

- Fr. Vasco do Rego: his contribution to Church and Konkani | Fr. Vasco do Rego: a sua contribuição para a Igreja e para o Concani - *Pratapananda Naik* 32-34

CANTINHO DO CONCANI | KONKANI CORNER

- Konkanicho Probhav Portuguez Bhaxecher | Influência do concani no português – *Mousinho de Ataíde* 35-38

ENTREVISTA | INTERVIEW

- Interview with Manuel Costa | Entrevista a Manuel Costa – *Óscar de Noronha* 39-43

CRÍTICA DE FILME | FILM REVIEW

- 'In Concert with the World', directed by Isabel de Santa Rita Vás | 'In Concert with the World', dirigido por Isabel de Santa Rita Vás - *Maria Ana Barbosa Noronha e Costa* 44-45

NOTÍCIAS | NEWS

- The Global Goan - números de Junho e Julho 2021 | The Global Goan - June and July 2021 issues 46
- Palestra "Goa e Goanidade" por José Filipe Monteiro | Lecture "Goan and Goanity" by José Filipe Monteiro 47

PRÓXIMOS NÚMEROS | UPCOMING ISSUES

ARTIGOS ORIGINAIS | ORIGINAL ARTICLES

Alfândega de Goa | Goa Customs – *Maria Celina Velho e Almeida*

A história da imprensa portuguesa em Goa (1831-1963) – Parte I | The history of Portuguese press in Goa (1831-1963) Part I - *Francisco da Purificação Monteiro*

A história da imprensa portuguesa em Goa (1831-1963) – Parte II | The history of Portuguese press in Goa (1831-1963) Part II - *Francisco da Purificação Monteiro*

The 'Save Goa' rhapsody: rising to feverish pitch | A rapsódia 'Salve Goa': atingindo o ponto febril - *Leslie St. Anne*

Cry my beloved Goa | Chora minha Goa amada - *Leslie St. Anne*

Paradise lost? | Paraíso perdido? - *Leslie St. Anne*

Inhabitants of Goa's 'treasured' island face extinction through 'faulty' draft coastal zone mangagement plan | Os habitantes da ilha "preciosa" enfrentam a extinção, pelo desenho "defeituoso" do plano de gestão da zona costeira - *Leslie St. Anne*

CRÓNICAS | FEATURES

Curating Mário | Curador de Mário – *Gerard da Cunha*

Vagueando por Tiswadi | Wandering through Tiswadi – *Mário Viegas*

A spice of life in India | Um tempero da vida na Índia - *Marilyn Rodrigues*

The chemistry of Goa in transition | A química de Goa em transição - *Armand Rodrigues*

Helter skelter before the monsoons in Goa | "Aviar-se em terra" antes das monções em Goa - *Armand Rodrigues*

How Colva weathered a tidal wave | Como Colvá resistiu a um maremoto - *Armand Rodrigues*

The doomed tigers of Betul | Os tigres condenados de Betul - *Armand Rodrigues*

DEPOIMENTOS | TESTIMONIES

Mário Miranda: Um homem de cultura e um criador de talento | Mário Miranda: A man of culture and creative talent - *Adelino Rodrigues da Costa*

À memória de Mário Miranda - depoimentos vários | To the memory of Mário Miranda - diverse testimonials

PERSONALIDADE | PERSONALITY

Lúcio Augusto da Silva, um médico goês em Macau | Lúcio Augusto da Silva, a Goan doctor in Macau – *António Aresta*

Vithal Nagesh Shirodkar, Goan obstetrician internationally renowned | Vithal Nagesh Shirodkar, obstetra goês de renome internacional - *Sanjiv Verenkar*

CANTINHO DO CONCANI | KONKANI CORNER

Concani em poesia | Konkani in poetry – *Óscar de Noronha*

CRÍTICA DE FILME E LIVRO | FILM AND BOOK REVIEW

Goa and the Great Mughal, by Jorge Manuel Flores & Nuno Vassallo e Silva | Goa e o Grande Mongol, por Jorge Manuel Flores & Nuno Vassallo e Silva - *José Filipe Monteiro*

ENTREVISTA | INTERVIEW

Interview with Narana Sinai Dumó | Entrevista a Narana Sinai Dumó – *Óscar de Noronha*

Interview with Manohar Usgãokar | Entrevista a Manohar Usgãokar – *Óscar de Noronha*

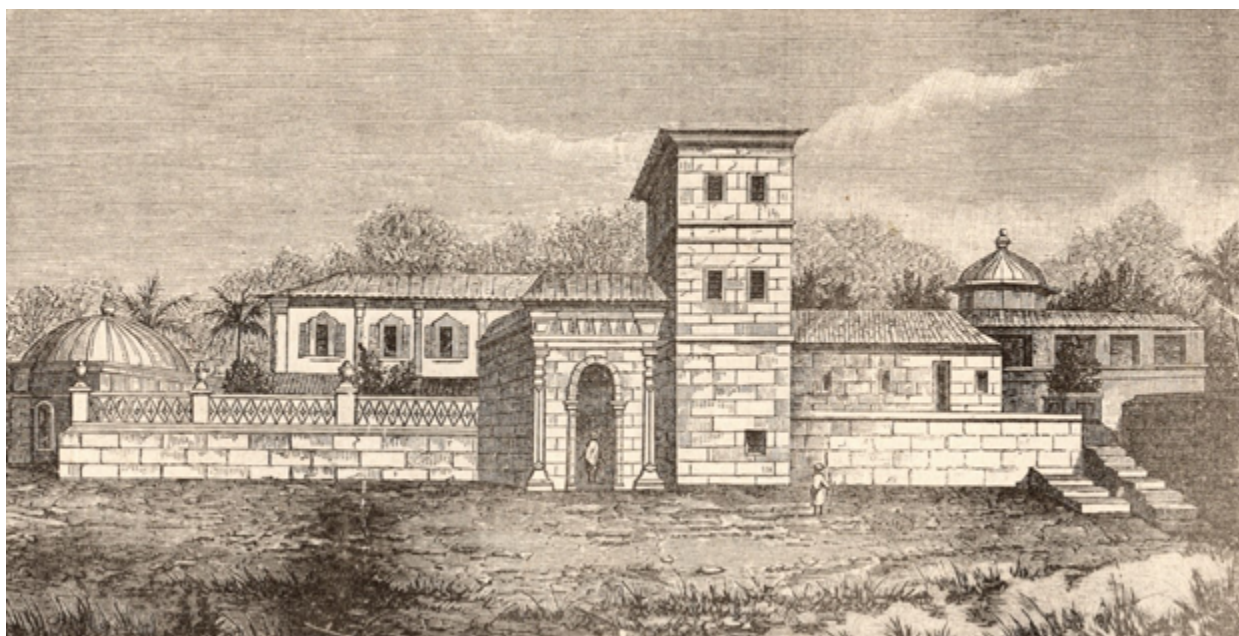
Comentário

Pelo compromisso e dedicação na divulgação da nossa história e identidade cultural às comunidades goesas na diáspora, saúdo a Revista da Casa de Goa.

Feedback

For all the commitment and dedication in the disclosure of our history, and cultural identity to all Goan communities in the diaspora, I welcome the Revista da Casa de Goa.

Aires Barreto (Toronto, Canada)



Alvely ou Casa do Sr. Raugy Ranes (In: A. Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886, Vol I)

A DIÁSPORA NO ADN GOÊS

THE DIASPORA IN GOAN DNA



José Filipe Monteiro

Editor Associado e Fundador da Casa de Goa, Portugal

Associate Editor and Founder of Casa de Goa, Portugal

O grande filósofo e ensaísta espanhol José Ortega y Gasset, quicá na sua mais célebre citação, alegava “Eu sou eu e minhas circunstâncias”. Num sentido mais lato, “O homem é ele e a sua circunstância”.

Desde a Goa quinhentista até ao presente, a emigração, e formação de comunidades dispersas pelos quatro cantos do Mundo, é uma realidade factual no universo da nossa terra natal.

Que estímulo impele o goês de não se resignar perante as vicissitudes da vida e sentir-se arrojado na busca de novos horizontes? Foram várias as circunstâncias que estiveram, e estão, na origem do propósito de partir. Entre outras, as mais evidentes – dificuldades económicas, procura do conhecimento e divergências políticas irreversíveis.

Mas na hora da partida houve, no subconsciente de cada pretendente a expatriar-se, um compromisso transversal: lutar contra adversidades, integrar na sociedade do acolhimento e trabalhar para o êxito da terra de adopção e ser solidário com os mais desafortunados.

O conselho editorial decidiu dedicar este número à nossa diáspora ou não fosse a circunstância de goeses espalhados por esse mundo fora, sermos quase o triplo quando comparados com os residentes na terra mãe.

Os ensaios, textos e crónicas publicados neste número, da autoria dos nossos colaboradores expõe a sua visão do passado e presente da nossa diáspora. Assim, Armand Rodrigues, em dois artigos, retrata a vivência da comunidade de emigrantes na Uganda e a odisseia da expulsão e a sua reinstalação no Canadá; Philomena e Gilbert Lawrence dão a sua visão sobre as origens e o êxito da nossa diáspora; a imigração

The great Spanish philosopher and essayist, José Ortega y Gasset, perhaps in his most famous quote, claimed “I am I and my circumstances”. In a broader sense “Man is he and his circumstance”.

From 16th-century Goa to the present, emigration, and the formation of communities, spread across the four corners of the world, is a factual reality in the universe of our homeland. What stimulus drives the Goan not to resign himself to the vicissitudes of life and to feel audacious in the search of new horizons? At the origin of the intention to leave, there were several circumstances, which were present in the past and are coeval in present-days. Among others, the most obvious – economic difficulties, search for knowledge and irreversible political divergences.

But at the time of departure there was, in the subconscious of each expatriate, a crosswise commitment: to fight against adversities, integrate into the host society, work for the success of the adopted land, and be solidarist towards the most unfortunate.

The editorial board decided to dedicate this issue to our diaspora, for the simple circumstance that Goans spread throughout the world, are almost triple when compared to those residing in the motherland.

The essays, texts and chronicles published in this issue, written by our collaborators, expose their vision of the past and present of our diaspora. Thus, Armand Rodrigues, in two articles, portrays the experience of the emigrant community in Uganda and the odyssey of expulsion and their resettlement in Canada; Philomena and Gilbert Lawrence give their insight into the origins and success of our diaspora; immigration, in counterpoint to emigration, in the conception

em contraponto com a emigração na concepção de António Fonseca; a relação da diáspora católica goesa com a sua terra natal num estudo de investigação da antropóloga Chiara Panizzi; de José Filipe Monteiro, as idiosincrasias da diáspora goesa; e, por último, Valentino Viegas traça o seu olhar sobre este tema umbilicalmente ligado à nossa história, enquanto um povo com identidade própria.

Contudo, a diáspora não esgota os temas retratados neste número. Bem pelo contrário!

João Manuel Pacheco de Figueiredo, num ensaio de leitura obrigatória, faz uma reflexão e repõe a verdade dos factos, a propósito de um documento de autoria de Menezes de Bragança dirigido ao Prof. Dr. Oliveira Salazar a 4 de Julho de 1930.

Na secção de personalidades, a opção foi o Padre Vasco do Rego, pela sua obra em prol da Igreja e do Concani. O panegírico é de autoria do conceituado “concanista” Padre Pratapananda Naik.

Um documentário, “In Concert With The World” de autoria de Isabel de Santa Rita Vás, foi objecto de análise e reflexão por parte de Maria Ana Barbosa Noronha e Costa.

No Cantinho de Concani, Mousinho de Ataíde, faz uma explanação sobre a influência do concanim sobre o português. Um artigo de maior interesse para os filologistas e não só.

O entrevistado deste número, Manuel (Manecas) Costa, empresário na área da exploração mineira, revela a Óscar de Noronha, nosso editor associado e autor do programa Renascença Goa, como a actividade mineira mudou a face de Goa.

Temáticas a merecerem uma leitura atenta e reflexão, em plenas férias para os de cá ou em plena monção para os de lá, apesar da pandemia que não dá sinais de abrandar.

Por último, uma saudação muito especial ao The Global Goan! A parceria que assinamos, irá enriquecer o objectivo comum – defesa da Goanidade.

Boas-vindas aos novos colaboradores da nossa revista! A vossa contribuição é um valor acrescentado que ajuda a investigar, preservar e divulgar a nossa identidade cultural.

of António Fonseca; the relationship of the Goan Catholic diaspora with their homeland in a research study by an Italian research anthropologist Chiara Panizzi; from José Filipe Monteiro, the idiosyncrasies of the Goan diaspora; and, finally, Valentino Viegas, sets his sights on this theme, that is umbilically linked to our history as a people with its own identity.

However, the diaspora does not exhaust the themes portrayed in this issue of our magazine. Much the contrary!

João Manuel Pacheco de Figueiredo, in an essay that is a mandatory reading, reflects and restates the truth of the facts, regarding a document authored by Menezes de Bragança addressed to Prof. Dr. Oliveira Salazar on the 4th of July 1930.

In the personalities section, the option was Father Vasco Rego, for his work for the Church and Konkani. The panegyric is authored by the renowned “Konkanist” Father Pratapananda Naik.

A documentary, “In Concert with The World” by Isabel de Santa Rita Vás, was the object of analysis and reflection by Maria Ana Barbosa Noronha e Costa.

In the corner of Konkani, Mouzinho de Ataíde, explains the influence of Konkani on Portuguese. An article of greatest interest to philologists and beyond.

The interviewee in this issue, Manuel (Manecas) Costa, a businessman in the field of mining, reveals to Oscar Noronha, our associate editor and author of the Renascença Goa program, how mining activity has changed the face of Goa.

Despite the pandemic that shows no signs of slowing down, these topics deserve a careful reading and reflection – in the middle of a vacation for those here in the western hemisphere or in the middle of the monsoon for those in the east.

Finally, a special greeting to Global Goan! The partnership we signed will enrich the common objective – defence of Goanity.

A heartfelt welcome to our magazine's new contributors! Your contribution is an added value in research, preservation and spread of our cultural identity.

UMA PROMISSORA PARCERIA EDITORIAL

A PROMISING EDITORIAL PARTNERSHIP



Luís Pereira da Silva
(Portugal)

Editor Associado
Associate Editor



Salus Correia
(Australia)

Editor



Neste número, é inaugurada oficialmente uma parceria editorial entre a Revista da Casa de Goa e The Global Goan. Esta colaboração inclui a partilha de artigos (com a autorização dos autores) e a divulgação, em cada uma das revistas, dos números recentemente publicados pela revista parceira.

Pode perguntar-se: qual a pertinência desta parceria? Afirmamos que os editores de ambas revistas comungam de um objetivo. Estão determinados em contribuir para preservar a identidade de Goa e dos Goeses, sobretudo a sua herança cultural nas múltiplas vertentes e o modo ecológico de ser “sossegad”, intrinsecamente goês, longe do stress, em harmonia com a natureza. A preservação da identidade é particularmente importante para os goeses da diáspora. Efetivamente, a cultura goesa, tal como a idealizamos, está ameaçada pela própria alteração demográfica em Goa, onde se fala cada vez menos o Konkani, a nossa língua mãe. Outro motivo principal de apreensão, é a agressão ao ambiente paradisíaco de Goa, atualmente movida por lobbies económicos e políticos.

Não é habitual um artigo publicado numa revista ser republicada noutra. No entanto, a voz dos Goeses que em todo o mundo se preocupam em defender a sua identidade pode não se fazer ouvir. Todos somos poucos para apoiar este desiderato e, como tal, devemos dar as mãos. Ampliar a mensagem dos

In this issue, an editorial partnership between Revista da Casa de Goa and The Global Goan is officially launched. This collaboration includes the sharing of articles (with the authorization of the authors) and the dissemination, in each magazine, of the issues recently published by the partner magazine.

One might ask: what is the relevance of this partnership? We should say that the editors of both magazines share a common goal: A determination to preserve the identity of Goa and Goans. Importantly, their cultural heritage in its multiple aspects as well as the ecological way of being “sussegad” intrinsically Goan, far from stress, in harmony with nature. Preservation of identity is particularly important for Diaspora Goans. In fact, Goan culture, as we visualise it, is threatened by the demographic change in Goa, where Konkani, our mother tongue, is less and less spoken. Another main reason for apprehension is the aggression to the paradisiacal environment of Goa, currently moved by economic and political lobbies.

It is unusual for an article published in one magazine to be republished in another. However, the voice of Goans around the world who care to defend their identity may not be heard. We are all too few to support this desire and, as such, we must join hands. Expanding the message of the authors of both journals, who share the aforementioned concerns, is a way of contributing to this mission and the central

autores de ambas as revistas, que comungam das preocupações supracitadas, é uma forma de contribuir para esta missão e a razão central da nossa parceria.

Convidamos outras revistas de goeses para goeses a juntarem-se a nós.

Um breve nota sobre a Revista da Casa de Goa

Esta Revista é propriedade e o órgão oficial da Casa de Goa (a Associação de Goa, Damão e Diu em Portugal). A revista foi fundada em 1989 e teve vários nomes ao longo da sua existência: Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa e Newsletter. Em finais de 2019, a Direção da Casa de Goa convidou uma nova equipa de editores a quem deu total autonomia para renovar a política editorial. Foi assim criada a II série, com o desígnio de expandir a Revista em Goa e na comunidade goesa na diáspora, captando não só novos leitores, mas sobretudo novos autores. Sendo a Revista editada em Portugal, continua naturalmente a ser publicada em português, mas passou a aceitar artigos em inglês ou bilingue (português e inglês), tendo em conta que o português atualmente só é entendível por uma minoria muito reduzida de goeses espalhados pelo mundo. Além disso, a equipa editorial procurou estabelecer um padrão de qualidade, dando prioridade a artigos originais assentes em investigação e versando várias temáticas sobre Goa. Como não podia deixar de ser, reservou um cantinho para o Konkani. Tivemos uma resposta surpreendente, com a receção de muitos artigos de qualidade, de autores dos quatro cantos do mundo. Com esta parceria com The Global Goan, reforçamos este grande abraço com a comunidade de autores e leitores espalhados pelo mundo.

Uma breve nota sobre The Global Goan

Existem inúmeros Goses espalhados pelo mundo, congregados através de associações ou grupos. René Barreto, ao lançar o conceito do Dia Mundial de Goa, assumiu a liderança de aglutinar os Goses da diáspora, para que Goses em todo o mundo reunissem e festejassem, com pompa e circunstância, o facto de ser Goês. Antes, os Goses nos seus países de diáspora e celebravam esporadicamente e em diferentes períodos do ano. A adesão mais popular e entusiástica continua a ser a dos Goses do Kuwait, que até à data celebram anualmente o seu do Dia de Goa.

reason for our partnership.

We invite other Goan to Goan magazines to join us.

A brief note on the Revista da Casa de Goa

This publication is owned by Casa de Goa (the Association of Goa, Damão and Diu in Portugal) and is its official magazine. The magazine was founded in 1989 and had several names throughout its existence: Casa de Goa Bulletin, Informative Bulletin, DEKH, Goa, and Newsletter.

At the end of 2019, the Casa de Goa Board invited a new editorial team giving them full autonomy to renew the editorial policy. The II series was thus created, with the aim of expanding the magazine in Goa and to Goan community in the diaspora, capturing not only new readers, but above all new authors. As the magazine is edited in Portugal, it naturally continued to be published in Portuguese, but began to accept articles in English or bilingual (Portuguese and English), bearing in mind that Portuguese is currently only understood by a very small minority of Goans around the world. The editorial team sought to raise the quality by prioritizing original research-based articles on various topics about Goa. As it could not be otherwise, a corner was reserved for Konkani, our mother tongue. We had a surprising response, receiving many quality articles from authors throughout the world.

With this partnership with The Global Goan, we reinforce this co-operation with the community of authors and readers around the world.

A brief note on The Global Goan

There are many Goan associations and groups scattered across the world, and an attempt was made to bring together all Goans living in the diaspora. This lead was taken by Mr. René Barreto who initially floated the concept of World Goa Day, for Goans all over the world to get together and celebrate being Goan, united and with pomp. Prior to this, Goans did have celebrations at different times of the year, now and then. The most popular such function was by the Kuwait Goans who till date celebrate their annual Goa Day function.

The missing link was a magazine or a newsletter which would besides notices, create a unique camaraderie among Goans in the diaspora and Goa. This is how The Global Goan came into existence,

O elo que faltava para uma verdadeira união era uma revista ou boletim que, além de notícias, criasse um espírito de camaradagem único entre os Goeses da diáspora e de Goa. Foi assim que surgiu The Global Goan, graças ao apoio de René Barreto. A nossa edição inaugural foi lançada em julho de 2020 e, desde então, não mais se olhou para trás. Publicado em Melbourne, Austrália, The Global Goan tem como foco Goa e os Goeses espalhados pelo mundo. São publicados artigos de interesse para os Goeses e, maioritariamente, da autoria de Goeses. As narrativas têm o objetivo de evocar as memórias dos dias idos para os mais velhos e, para os mais jovens, despertar a curiosidade sobre a terra dos seus antepassados. Hoje, com orgulho podemos dizer que The Global Goan é consistentemente lido por uma plethora de mais de 200.000 leitores por mês. Assim, Goa chega à porta dos Goeses, despertando memórias e afeto pela terra-mãe.

Viva Goa, Viva Goemcarponn !!!

thanks to the support of Mr Rene Barreto. Our inaugural issue was released in July of 2020, and since then there has been no looking back. Published from Melbourne, Australia, The Global Goan has it's focus on Goa and Goans across the world. Articles of interest to Goans and mostly by Goans are published. The stories published are meant to evoke those memories of the by gone days for the elders, and a sense of intrigue and curiosity about the land of their ancestors for the younger ones. Today we are proud to say that The Global Goan is consistently read by a plethora of over 200,000 readers each month. Thus, Goa lands on the doorsteps of Goans, igniting memories and fondness for the homeland.

Viva Goa, Viva Goemcarponn!!!



Campos de Collem (In: A. Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886, Vol I)

OS GOESES CATÓLICOS DE LISBOA: A RELAÇÃO COM A TERRA DE ORIGEM ENTRE MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DE PERTENÇA

*GOAN CATHOLICS OF LISBON:
THE RELATION WITH GOA BETWEEN MEMORY AND BELONGING*



Chiara Panizzi

Doutoranda em Antropologia na Universidade Nova de Lisboa e no ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

PhD student in Anthropology at Universidade Nova de Lisboa and ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Resumo

Neste artigo pretende-se apresentar algumas das estratégias utilizadas pelos goeses da diáspora, nomeadamente os goeses católicos de Lisboa, para manter e transmitir a identidade goesa às novas gerações.

Abstract

This article aims to present some of the strategies used by Goans in context of diaspora, namely the Catholic Goans in Lisbon, in order to maintain and transmit the Goan identity to the new generations.

Descobri a *Casa de Goa* na altura em que estava a realizar a minha tese de Mestrado em Antropologia. Foi a partir deste espaço, no qual foi sempre muito bem acolhida, que a minha investigação se desenvolveu. Durante os dois anos de pesquisa (ou melhor de trabalho de campo, como costuma ser designado no âmbito antropológico) assisti a diversos eventos e tive a oportunidade de realizar entrevistas e conversas com goeses e “amigos de Goa”. Estes momentos de partilha foram fundamentais para ampliar o meu conhecimento sobre Goa e ajudaram-me a compreender o que era a identidade goesa e de que forma a goanidade era preservada e transmitida em contexto diaspórico¹. Se o material recolhido através destas conversas foi fundamental, igualmente importante foi o recurso às referências literárias.

Portanto, as observações que vou apresentar neste breve artigo são o resultado desta combinação de elementos.

Importa ainda salientar que, quando não especificado, o termo “goeses” vai ser utilizado ao longo do artigo para referir primeiramente os goeses católicos de Lisboa que colaboraram na realização da minha investigação.

Note-se, além disso, que quem escreve é consciente de que não existe uma única perspetiva partilhada pelos goeses da diáspora e que, por conseguinte, os pontos de vista aqui apresentados são apenas alguns dos possíveis. Neste sentido, sou ciente de que quem escreve é chamado inevitavelmente a cumprir escolhas subjetivas, pois “*each of the [...] accounts and comments have been chosen by me, and each*

¹ Note-se que escolhi utilizar o termo “diaspórico” propositadamente, pois é esta a definição que normalmente os goeses costumam utilizar. Contudo, existe um amplo debate na literatura em torno do significado e da utilização do termo “diáspora” (ver Brubaker 2005; Cohen 2008; Daswani 2013; Oonk 2007; Safran 2008; Vertovec e Cohen 1999)

is used to put accross my particular point of view [...] is my narrative as much as theirs. This does not invalidate it; it just makes it one kind of truth amongst others” (Gardner, 2002: 29).

A diáspora goesa em Portugal

Considerando o período da presença portuguesa em Goa, é possível verificar diferentes vagas migratórias no tempo. Geralmente identifica-se a primeira vaga a partir do século XVII, quando se deslocam para Portugal alguns tradutores, artesãos e estudantes goeses. Durante a segunda metade de 1800, assiste-se à migração de membros das elites goesas que chegam a Portugal para estudar nas prestigiadas universidades de Lisboa e Coimbra. Uma vez adquiridos os títulos académicos, muitos destes goeses assumem importantes cargos burocráticos no sistema colonial, quer em Portugal, quer nas colónias onde também desempenham um papel relevante na administração (Frenz, 2014; Lourenço, 2013). Este fluxo migratório perdura por mais de um século até que, em 1961, ocorre a anexação de Goa por parte da União Indiana.

Na fase que precede a anexação de Goa, a migração interessa em grande parte jovens e é considerada enquanto deslocação temporária, pois de facto a intenção das famílias era enviar os jovens para Portugal por um período de tempo suficiente para terminar os estudos. Contudo, o que na realidade acontece é que um número considerável de jovens goeses decide ficar em Portugal, devido em parte às maiores oportunidades de emprego e possibilidades de sucesso em comparação com Goa e em parte às relações afetivas que nascem durante este período.

Após 1961, muitos goeses decidem deixar Goa e emigrar para as então colónias portuguesas e inglesas em África. Com o início dos tumultos aos quais iria suceder a verdadeira luta pela independência, a maior parte dos goeses que residiam em África decidem emigrar, tendo sido os primeiros destinos Portugal e Reino Unido, que frequentemente serviram apenas como sítios de passagem a partir dos quais começa uma nova migração para os Estados Unidos e Canadá.

O maior número de goeses chega a Portugal durante a fase de descolonização africana, quando devido à instabilidade e ao processo de “africanização” dos novos estados independentes, além dos goeses emigram também *retornados*, refugiados e migrantes (Lourenço, 2013: 16).

Ao contrário de outros grupos, é difícil conhecer o número de goeses residentes em Portugal, já que possuem passaporte português e, consequentemente, não aparecem nas estatísticas sobre imigração (Lourenço, 2013). Além disso, graças a elementos identitários partilhados com os portugueses, de que são exemplo a língua e a religião, o processo de integração dos goeses foi bastante simples. De facto, no caso dos goeses residentes em Portugal não se regista um processo de reunificação territorial (processo que, por exemplo, é documentado relativamente aos indianos hindus que costumam reunir-se numa mesma zona da cidade ou num bairro, para assim recriar um sentido de comunidade – vide Cachado, 2014), tanto que os goeses católicos parecem estar perfeitamente distribuídos e integrados no território português.

Se por um lado, pela proximidade cultural com o país de acolhimento se nota entre os goeses uma tendência à “invisibilidade social” (Malheiros, 2000; Lourenço, 2013), por outro, emerge a existência de uma memória coletiva relacionada com a terra de origem que, através de diversas estratégias, é transmitida às novas gerações.

A relação com a terra de origem e a transmissão da goanidade

Se por muitas comunidades migrantes a assimilação na sociedade de acolhimento é um objetivo a alcançar, para os goeses católicos que vivem em Portugal continua a ser importante manter os próprios traços distintivos. Nesta perspetiva, apesar da integração que caracteriza esta comunidade, regista-se a vontade de manter uma relação com a terra de origem, que é entendida como “um lugar de boas memórias”.

Esta relação é, amiúde, representada pela casa de família, um lieu de mémoire (Nora, 1997) que guarda as memórias do passado e é símbolo de identidade. As grandes casas goesas representam o lugar que, geralmente, acolhe as famílias dos goeses da diáspora que viajam até Goa para passar as férias. Hoje em dia, possuir a antiga casa de família significa ter um importante património para doar aos próprios filhos e, por conseguinte, “a family home that can be passed on to future generations in the family is the most prized possession a Goan can have” (Young, 2008: 53).

É possível observar que a maior parte dos goeses reconhece o papel dos pais como fundamental na transmissão deste elo com Goa. A ligação com a

terra dos antepassados é considerada importante, pois permite aos jovens de criar “as suas próprias memórias de Goa” e incorporá-las como parte integrante das próprias narrativas e, conseqüentemente, das próprias identidades. A este respeito, é possível falar de roots tourism ou heritage tourism, um turismo estritamente relacionado com a procura das próprias raízes, que pode ser entendido como uma espécie de peregrinação, uma “journey of discovery” e, enfim, uma “life-changing experience” (Basu, 2013).

Para além das visitas à terra de origem, outra estratégia utilizada pelos goeses da diáspora para transmitir a goanidade às novas gerações passa pela religião. A este respeito, note-se que a religião sempre foi e continua a ser um importante elemento identitário para os goeses da diáspora. As práticas religiosas são entendidas enquanto ocasiões de encontro e reunião e cerimónias, como batizados, casamentos e funerais, que representam momentos nos quais a comunidade se pode reunir e confraternizar. Nesta perspectiva, assinala-se que, por vezes, os goeses da diáspora escolhem realizar este tipo de celebrações na terra de origem, sobretudo quando uma parte da família - geralmente os avós - ainda reside em Goa. O facto de casar ou batizar os filhos em Goa é um aspecto recorrente nas narrativas dos interlocutores e, efetivamente, as práticas religiosas transnacionais são frequentemente utilizadas pelos migrantes a fim de manter a relação com a terra de origem (Levitt, 2003: 851).

Dentro das práticas religiosas consideradas relevantes no processo de manutenção desta relação e na construção de pertença devem, a meu ver, ser inseridas também duas práticas relacionadas com o culto de São Francisco Xavier, nomeadamente a missa celebrada no dia 3 de dezembro em honra do Santo na Igreja de São Roque em Lisboa e a exposição do seu corpo na Sé da cidade de Velha Goa.

A missa em honra de São Francisco Xavier é organizada anualmente pela Casa de Goa e está aberta a todos, goeses e não-goeses. A cerimónia é realizada na Igreja de São Roque, igreja da Companhia de Jesus, Companhia da qual Xavier foi pioneiro e cofundador. Durante a celebração assiste-se à exposição do cofre-relicário de São Francisco Xavier, que é considerado um “momento profundamente simbólico para a comunidade goesa portuguesa” (Lourenço, 2017: 4). Efetivamente, todos os goeses entrevistados

concordam em descrever esta cerimónia como “um traço de união e um momento de fé coletiva”. Este evento representa, portanto, uma importante ocasião de encontro pelos goeses da diáspora, talvez o mais importante do calendário. Interessa, além disso, salientar que é um dos eventos nos quais participam membros pertencentes às diferentes gerações, sendo relevante a presença de famílias inteiras, incluindo recém-nascidos.

Outra prática religiosa, que abrange os goeses das diferentes comunidades espalhados pelo mundo, é a exposição do corpo do Santo em Goa. A partir de meados do século XIX o corpo do defunto São Francisco Xavier começou a ser exposto ao público e é importante realçar que esta prática não foi abandonada com a anexação de Goa à União Indiana, mas continua a ser perpetuada até aos dias de hoje (Gupta, 2017). Como sugerido por Pamila Gupta, a exposição deve ser considerada como simultaneamente local e global, religiosa e laica (Gupta, 2017: 109). De facto, o evento atrai goeses e não goeses provenientes de todas as partes do mundo, católicos e membros de outras confissões religiosas, peregrinos e turistas ou simples curiosos. Para confirmar esta grande devoção ao Santo, quando é possível, os goeses da diáspora viajam até Goa para assistir ao evento, considerado importante não apenas pelo carácter estritamente religioso, mas também por ser um momento no qual é possível experienciar aquele “sentido de comunidade” e de pertença que já foi referido em relação à missa celebrada em honra do Santo a dia 3 de dezembro em Lisboa.

Observações finais

Ao longo do artigo, foram apresentadas algumas das estratégias utilizadas pelos goeses católicos de Lisboa para manter a relação com a terra de origem e transmitir a goanidade às novas gerações. Neste contexto, as deslocações a Goa devem ser entendidas como um relevante instrumento de transmissão das memórias de família e, por conseguinte, da identidade goesa.

Se bem que não abordei aqui o tema da identidade goesa, arrisco-me a afirmar que a religião é um dos elementos principais desta identidade. De facto, foi visto que a manutenção e transmissão da goanidade são estritamente ligadas às práticas religiosas. Nesta perspectiva, a religião é entendida enquanto

parte daqueles que Nina Glick Schiller denomina *transnational ways of belonging* (Glick Schiller, 2004), isto é, práticas utilizadas a fim de criar um sentimento de pertença, que se mantém para além do ritual.

Além disso, as celebrações religiosas são consideradas como momentos de reunião através dos quais é possível transmitir o património cultural goês às novas gerações, “for Goans around the world, besides functioning as a remembering place for elder members of the community, the feasts also offer the opportunity to transfer knowledge and memory from the older generation to the younger generation” (Frenz, 2014: 279). Portanto, a religião torna-se um importante instrumento para partilhar um conjunto de valores específicos, uma peculiar visão do mundo e uma determinada memória coletiva.

Se manter as relações com a terra de origem através de visitas e de práticas religiosas é importante para preservar a goanidade, é igualmente importante a existência de associações que possam funcionar como

espaços de partilha e de reunião da comunidade. Neste contexto, parece fundamental o papel desenvolvido até hoje pela Casa de Goa que, para além de ser um lugar de encontro, permite, através dos eventos que organiza, trazer à luz as memórias coletivas das gerações mais velhas (Brettell, 2007: 26).

Em conclusão, como emerge das entrevistas e das conversas que realizei, é graças ao empenho das famílias e das associações que é possível preservar e manter viva a goanidade.

Se considerarmos que cada indivíduo possui uma multiplicidade de identidades e que, consoante o contexto no qual se encontra, recorre a alguns aspetos específicos destas identidades, transmitir a identidade goesa pode ser entendido como uma forma de oferecer aos mais jovens um ulterior reforço identitário, que (como afirmou um dos meus interlocutores) possivelmente não será o mais importante, mas poderá igualmente representar uma mais-valia cultural e enriquecer as suas vidas.

Bibliografia

- Basu, P. (2013) *Memoryscapes and Multi-Sited Methods in Research Methods for Memory Studies*, Edimburgh University Press, 115-131.
- Brettell, C. B., (2007) *Portugal’s First Post-Colonials: Citizenship, Identity, and the Repatriation of Goans*, *Portuguese Studies Review* 15 (2) 1-28.
- Cachado, R. A. (2014) *Locating Portuguese Hindus, Transnationality in urban settings*, *Sociologia, Problemas e práticas*, n.º 76, 2014, pp. 109-124
- Frenz, M. (2014) *Community, Memory, and Migration in a Globalizing World. The Goan Experience, c.1890-1980*, New Delhi, Oxford University Press.
- Gardner, K. (2002) *Age, Narrative and Migration. The Life Course and Life Histories of Bengali Elders in London*, Oxford, Berg.
- Glick Schiller, N. (2004). *Transnationality*. In D. Nugent & J. Vincent (Eds.), *A companion to the anthropology of politics* (pp. 448–467). Oxford: Blackwell.
- Gupta, P. (2017) *The corporeal and the carnivalesque: the 2004 exposition of St. Francis Xavier and the consumption of history in postcolonial Goa*, *Etnográfica* [Online], vol. 21 (1) | 2017.
- Levitt, P. (2003) “You know, Abraham was really the first migrant: Religion and transnational migration”, *International Migration Review*, 37 (3): 847-873.
- Lourenço, I. (2013) *From Goans to Gujaratis: A study of the Indian Community in Portugal*, CARIMIndia RR 2013/01, Robert Schuman Centre for Advanced Studies, San Domenico di Fiesole (FI): European University Institute.
- Lourenço, I. (2017) *As histórias alternativas do objeto: o cofre-relicário de São Francisco Xavier e a identidade religiosa dos goeses em Portugal*, *MIDAS* [Online], 8 | 2017.
- Malheiros, J. M. (2000) “Circulação migratória e estratégias de inserção local das comunidades católica goesa e ismaelita”, *Lusotopie*, 7, 377-398.
- Young, D. J. (2008) *Defining Goan Identity. A Literary Approach*, Saarbrücken, VDM Verlag Dr. Müller Aktiengesellschaft & Co. KG.

GOA – EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO

GOA – EMIGRATION AND IMMIGRATION



António Fonseca

Bacharel em Economia; Revisor Oficial de Contas (India); desde 1989 residente no Canadá.

B.A. in Economics; Chartered Accountant (India); settled in Canadá since the year 1989.

Resumo

Todos são emigrantes e a Terra é o Lar Comum da Humanidade - proclamação que se refere ao drama da fixação humana a nível global. Neste preciso momento, Goa está a aproximar-se de um ponto de inflexão - os Goeses correm o risco de se tornarem uma minoria. A forma como enfrentaremos este desafio, determinará o tipo de Goa que transmitiremos às gerações futuras.

Abstract

Everyone is an Emigrant and Earth is the Common Home of Humankind – statements that speak to the drama of human settlements, worldwide. Right now, Goa is approaching an inflection point - Goans are at risk of becoming a minority. How we deal with this challenge will determine the kind of Goa we will pass on to the future generations.

Somos todos emigrantes. É porventura a consciência deste facto que está à base do aforismo “Terra, Casa Comum da Humanidade”, que serviu de lema para o estabelecimento dos organismos internacionais como a ONU, no rescaldo da II Guerra Mundial.

Emigração

A emigração a que me refiro aqui é a saída dos Goeses da sua Terra em busca de trabalho no Estrangeiro, a partir dos fins do século XIX, com destino à Índia Britânica, aos países do Golfo Árabe, às colónias portuguesas e britânicas na África. Não me refiro aqui às emigrações que se deram no séculos XVI-XVIII, causadas pelo fervor religioso de conversões forçadas ou pelo furor da Inquisição.

Três fatores impulsionaram a emigração do século XIX em diante: o estabelecimento do caminho de ferro, inaugurado em 1887, que ligava Mormugão, do nosso lado, a Castle Rock do outro lado da fronteira, dando acesso à rede ferroviária da Índia; o começo

das carreiras de barco a vapor, facilitando a emigração às colónias portuguesas e inglesas da África Oriental; e a introdução do ensino a nível secundário com a criação do Liceu de Goa, em 1854, e pouco depois, em 1887, com o estabelecimento, em Arpora, da St Joseph’s High School, por iniciativa do missionário William Robert Lyons, instituições que viabilizaram a aquisição de conhecimentos que, à época, eram adequados para a participação dos graduados nos serviços administrativos do Estado ou das empresas comerciais.

Os católicos constituíram o maior contingente da comunidade emigrante. Isso se explica pelo facto de as duas instituições de ensino secundário, referidas anteriormente, estarem instaladas nas Novas Conquistas, onde a presença da comunidade católica era predominante, o que facilitou o ingresso dos jovens da comunidade nestas instituições; pelo sincretismo religioso e cultural dos católicos com o Ocidente; e também pelo facto de a comunidade hindu desses

tempos considerar a emigração com desconfiança, devido aos preceitos de *sagarollanghana* no Dharma Sutra, segundo os quais navegar por águas salgadas era um delito que levava à perda do *varna* (classe ou casta).

As estatísticas são reveladoras: a crer na Wikipédia, o Censo de 1851 regista 65% da população de Goa como católica e 35% como hindu. Em 1961, quando se deu a viragem política em Goa, o território tinha 600 mil almas residentes e 170 mil emigrantes goeses espalhados pelo mundo. Dos 600 mil residentes apenas 38% eram católicos e o censo de 2001 acusa um declínio para 27% da população do território. As estimativas da população de Goa no ano de 2020 são de um milhão e meio, representando os católicos entre 20-22% da população. No entanto, estima-se que, atualmente, 600 mil pessoas de origem goesa vivem no estrangeiro.

Emigração à parte, outro fator a notar é que a taxa de natalidade dos Goeses nativos que é de 1,8 fica para aquém de 2,1 – o mínimo necessário para o reposicionamento populacional. A vela dos Goenkars está a consumir-se pelos dois extremos.

Imigração

Ao presente o elemento alienígena da população deste Estado, segundo as estimativas acima citadas para o ano de 2020, é de 33%, ou seja, 500 mil imigrantes já instalados e em vias de franco crescimento. Os Goeses estão a caminho de serem uma minoria na sua própria terra.

Na década dos 50-60 do século passado, Goa era um oásis de paz e ordem: havia respeito pela autoridade, relações harmoniosas entre os hindus e os cristãos, as cidades relativamente asseadas, a ausência de favelas, e uma sociedade sem acentuadas disparidades à base de riqueza. Estávamos longe de ser perfeitos, mas para quem viesse dos Além-Gates, Goa era um cantinho cobiçado. Era inevitável que o território recebesse novos residentes vindos outros Estados da Índia.

Temos de ser realistas e aceitar que os imigrantes são agora parte integrante da paisagística humana de Goa e é forçoso pôr de parte certos mal-entendidos:

- Não é raro ouvir que os Goeses emigram por causa dos imigrantes. Isto é incorreto. A emigração é uma tradição com os Goeses de longa data.
- Os imigrantes que vêm à Goa, como aliás os migrantes pelo mundo fora, fazem-no porque as

oportunidades aqui são melhores em confronto com o que lhes é disponível aí onde estão. Foi esse o móbil da nossa diáspora também.

Olhemos aos factos: segundo os dados do Governo Central, o rendimento de Goa per capita, em 2018-19, era de Rs.430 mil/ano; enquanto o agregado para a Índia era de Rs.126 mil/ano. O Estado de Bihar que parece ser o alforge da vaga humana que vem cá e que está na liça quando se fala da imigração, reporta rendimento per capita de Rs. 41 mil/ano, dez vezes inferior ao de Goa.

- Se é certo que os imigrantes não vêm para colonizar, não é menos certo que trazem consigo, como qualquer de nós, a sua própria bagagem: língua, hábitos, modo de ver e ser diferentes.

Ajit John, escrevendo no Herald, de 8 de Dezembro 2020, dá uma ideia quanto à nossa economia depende dos imigrantes. Em quase todas as esferas de atividade eles se tornaram indispensáveis a tal ponto que a economia de Goa, mesmo no importante sector do turismo e hospitalidade, é duramente prejudicada pela sua ausência.

- Não somos os únicos em semelhante situação: o que se passa connosco é exatamente o que está a suceder nos países desenvolvidos (Comunidade Europeia, Reino Unido, América do Norte, etc.). Para os Goeses o desiderato é a Europa ou América ou o Golfo; para a gente do Bihar (e outros) é Goa. A humanidade inteira habita uma “pequena aldeia” (Mc Luhan); temos ao nosso alcance o mundo inteiro na palma da mão, a mobilidade da gente, de ideias, dos capitais acontece a um ritmo inimaginável ainda há poucos anos.

Os países em vias de desenvolvimento têm uma população jovem, educada, impaciente para se subtraírem dos meios em que vivem, à busca de uma vida melhor, enquanto do outro lado, as regiões prósperas sofrem um défice demográfico. Como vimos, Goa está na mesma situação. O pragmatismo leva-nos a aceitar a imigração como uma realidade que demanda nossa acomodação.

Estamos então fadados a perder a nossa tão desvelada Goenkarponn? Nenhuma sociedade que se preza pode contemplar o ocaso da sua cultura ou personalidade com equanimidade. Mas a prevenção requer uma ação bem sintonizada. Para começar, é imperativo que nos ponhamos de acordo com o que se entende por Goenkarponn para que haja uma base

comum, como ponto de partida, para se caminhar em direção da meta.

Quais são os atributos da nossa personalidade e como fomentá-los no contexto de Goa como Estado da União Indiana? É um assunto que merece ser debatido pela sociedade civil com o fim de chegar a um consenso.

A título de balão de ensaio, avento:

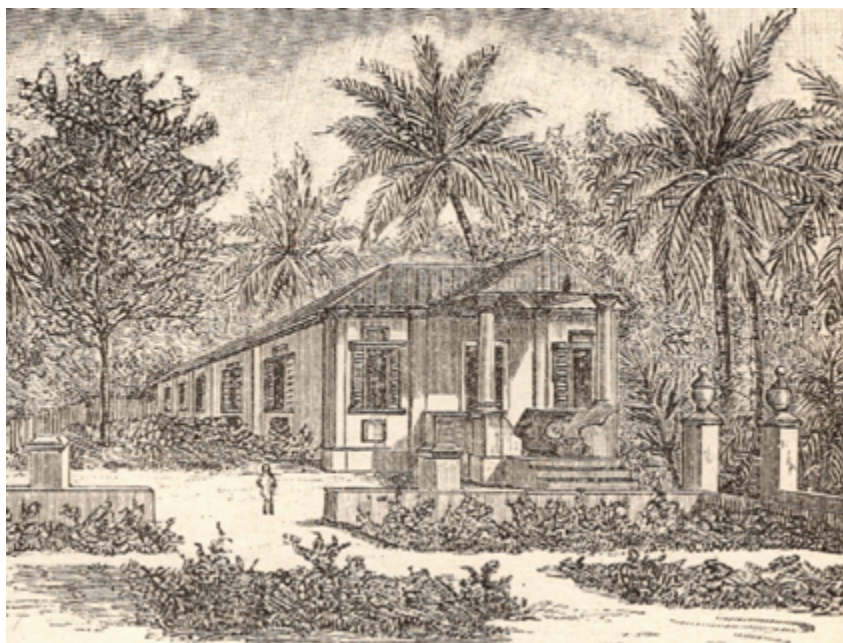
- 1º. O Concani já está reconhecido como a língua oficial do Estado, mas tem de ser aplicado com rigor a obrigatoriedade do conhecimento falado e escrito da língua para cargos oficiais, incluindo o quadro do IAS (Indian Administrative Services).
- 2º. A instrução primária tem de ser em concani, visando sobretudo a juventude escolar, os cidadãos do futuro. Assim os filhos dos imigrantes aprendem a língua, fator importante para a formação da consciência coletiva.
- 3º. Administrar um forte sopro de vida ao Lokayukta, dando-lhe garras e dentes, para que seja um bastião efetivo para pôr cobro às malandrices dos governantes.
- 4º. Não esquecer o imperativo cívico e moral de acolher os imigrantes com respeito; é da natureza humana retribuir da maneira como recebemos.

Se dissermos, alto e bom som, “são Goeses todos os que nasceram aqui ou adquirem residência em Goa e subscrevem os valores que nos são caros”, tenho assaz confiança na decência humana e de que esta aproximação não só é correta como também motivadora a uns e outros. Curiosamente, muitos dos novos residentes de Goa – originários da Índia e que se instalaram aqui há anos atrás – lamentam a palpável decaída do nosso ethos, no decurso do tempo, indicativo da sua boa vontade e do desejo de rever a Goa que lhes acolheu.

Podemos salvaguardar o nosso património cultural?

Dou um SIM condicional. A condição é de ter um Governo, para já e para o futuro, que dará primazia aos genuínos interesses de Goa. A experiência dos últimos 60 anos não é reconfortante. Infelizmente, desde o primeiro governo até ao presente – e pouco importa a feição partidária – provaram ser todos farinha do mesmo saco.

No entanto, antevejo a luz da esperança na angústia que está a assolar a nossa terra face aos desmandos da legislação do CRZ, CZMP, da degradação ambiental e da governação medíocre ano após ano.



Casa de Campo em Cussemane
(In: A. Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886, Vol I)

DIÁSPORA GOESA: A HISTÓRIA E A IDIOSINCRASIA

GOAN DIASPORA: HISTORY AND IDIOSYNCRASY



José Filipe Monteiro

Editor Associado e Cofundador da Casa de Goa, Portugal

Associate Editor and Co-founder of Casa de Goa, Portugal

Resumo

A diáspora, enquanto dispersão dos povos, é um acontecimento tão longo como a própria história da humanidade. O que diferencia as histórias das migrações são as causas, os desígnios, a capacidade de enfrentar os desafios e o modus operandi da emigração

Nesta súpula, o autor, para além de analisar de uma forma abrangente alguns aspectos e estatísticas, tece algumas considerações sobre a idiosincrasia da diáspora goesa.

Abstract

The diaspora, the dispersion of people, is an event as long-lasting as the history of humanity itself. What differentiates the histories of migrations are the causes, the purposes, the capacity to face the challenges and the modus operandi of the emigration.

In this outline, the author, in addition to comprehensively analysing some aspects and statistics, makes some considerations about the idiosyncrasy of the Goan diaspora.

Conceito

Diáspora tem a sua origem no termo grego “*diasporá*”. Significa dispersão de povos, por motivos políticos ou religiosos.

Este conceito tem na sua génese a dispersão dos judeus no mundo antigo, principalmente depois do exílio babilónico. Contudo, posteriormente, o termo diáspora passou a ser usado para descrever qualquer comunidade étnica ou religiosa que vive dispersa ou fora do seu lugar de origem. Por outro lado, para além das motivações políticas e religiosas, a dispersão, por motivos económicos, passou a ser, quiçá, o intento migratório de um grande número de indivíduos pertencentes a uma comunidade, de um Estado soberano.

A diáspora goesa: do passado ao presente

É inconcebível descrever a história de Goa, sem narrar a dispersão do seu povo, por outras palavras a sua diáspora. Contudo, no meu entender, não me parece correcto falar de diáspora goesa, na Goa pré portuguesa, dado que o território denominado de Goa (Govém, Gová ou Gomantaka) pouco mais era do que uma cidade, inicialmente confinada à margem norte do Rio Zuari – Goa Velha, e posteriormente por volta de 1440 a Elá ou Velha Cidade confinada ao sul do Rio Mandovi, as duas localizadas na ilha de Tissuary.

Após a conquista de Goa por Afonso de Albuquerque, em Novembro de 1510 e, posterior anexação definitiva de Bardez e Salsete em 1543, ficam definidas as fronteiras geográficas, iniciais,

de Goa. Esta parte do território foi e, ainda hoje é conhecida como Velhas Conquistas.

Será só a partir da segunda metade do século dezoito, com a anexação progressiva dos territórios denominados de Novas Conquistas, em contraposição às Velhas Conquistas, que ficaram estabelecidas as fronteiras definitivas de Goa.

O início da diáspora goesa: a diáspora Mangaloreana

Neste contexto, no meu entendimento, a fuga de goeses, em número significativo, de um território já com fronteiras estabelecidas e uma organização administrativa própria – Velhas Conquistas – tem lugar a partir do terceiro quartel do século dezasseis, tendo como destino Mangalore, território localizado no distrito de Kanará, actual estado de Karnataka no Sul da Índia.

Na origem da dispersão estão vários factores:

- A guerrilha entre as forças portuguesas e os guerrilheiros maratas dos territórios vizinhos que estavam na origem de muita instabilidade social e económica¹
- Períodos de fome, fruto de alterações climáticas e pandemias
- O surgimento da inquisição e da sua perseguição à população, muito atreita à prática do sincretismo religioso, da recaída na conversação, e da recusa em serem convertidos e opção pela fuga para territórios vizinhos^{2,3}.

Uma das características da diáspora Mangloreana, foi a manutenção dos apelidos hindus da família, apesar dos nomes próprios portugueses, adoptados na altura da conversão ao cristianismo.⁴

A proibição de nomes hindus na altura do baptismo, por decisão do Conselho Provincial de Goa em 1567, tinha como objectivo erradicar qualquer sinal do hinduísmo. No entanto, esta imposição não foi totalmente bem-sucedida, por quanto, uma pequena parte da população manteve o apelido hindu originário. Um número significativo destas pessoas iria, mais tarde, estar na origem da diáspora Mangaloreana.

As diásporas subsequentes

Os primeiros goeses (tradutores, estudantes e artesãos), em pequeno número, a saírem da sua terra e, com o objectivo de regresso após a realização do intento, teve lugar no início do século dezasseis.

Não consideramos a abalada destas pessoas como integrantes do conceito da diáspora anteriormente descrito.

Assim, no nosso entender, iriam decorrer quase três séculos, segundo quartel do século dezanove, até o início de nova onda migratória da população do território de Goa. E, desta vez, na origem da dispersão estavam motivos económicos.

A economia de Goa era basicamente agrária, assente na pequena propriedade, como cultivo de várzeas e apanha de cocos, e pouco produtiva. Em relação a esta temática fizemos algumas considerações sobre o livro de Francisco Luís Gomes “A liberdade da Terra e a Economia Rural da Índia Portuguesa” editado em Lisboa em 1862 pela Tipografia Universal.⁵ Não havia também qualquer espécie de indústria digna desse nome e os serviços, na prática, resumiam-se ao funcionalismo público.

Ciente desta realidade e dotadas de uma visão digna de ser realçada, muitas famílias goesas optaram por educar os seus filhos nas escolas cujo veículo de ensino era o inglês e que eram em número muito significativo no território de Goa.

Com conhecimentos de inglês e hábitos socioculturais muito ocidentalizados tiveram acesso ao imenso mercado de serviços do Império Britânico, da Índia às colónias do Médio Oriente e de África.

Para além das suas qualificações, os emigrantes goeses eram muito apreciados pela sua capacidade de trabalho e por serem cumpridores da lei. Encontraram trabalho na área de serviços (escriturários), transportes (caminho de ferro e transitários), educação e saúde (médicos e farmacêuticos). Operários como alfaiates, músicos, padeiros, mordomos e empregadas domésticas fizeram parte do rol dos que emigraram.

A emigração dos quadros especializados na área da saúde (médicos e farmacêuticos), tinha como destino as antigas colónias de Portugal de África, Macau e Timor, dado que, no caso dos licenciados em Medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa, o seu curso não era reconhecido na Metrópole (Portugal Continental).

Na segunda geração dos emigrantes, principalmente na vizinha cidade de Bombaim, muitos goeses licenciaram-se no Grant Medical College e, assim, tiveram acesso a altos quadros, quer na administração pública quer nos das Forças Armadas de Inglaterra⁶.

Em 1930, dos cerca de 70 000 emigrantes,

55 000 tinham emigrado para a Índia britânica. Em 1960, Goa tinha uma população de 600 000 habitantes e 100 000 emigrantes de acordo com o Goa Migration Study (GMS) de 2008.⁷

No início de década de sessenta, no pré e pós invasão e anexação de Goa pela União Indiana, cerca de vinte mil goeses rumaram para Portugal por motivos diversos, que não económicos. Daqui, demandaram para outras colónias portuguesas, principalmente Moçambique e para, na altura, Alemanha Ocidental, como operários da indústria automóvel.

A esmagadora maioria de emigrantes goeses era, e continua a ser, da comunidade católica (74%), sendo os hindus, em termos comparativos, uma minoria⁷. O Concelho de Salcete é, por si só, responsável por 50% da emigração.

Dois acontecimentos tiveram algum impacto na corrente migratória dos goeses. Em 1947, com a independência da Índia, muitos dos emigrantes goeses das firmas inglesas perderam os seus empregos e tiveram que regressar a Goa. Por outro lado, a descoberta de importantes jazidas de minérios, de ferro e manganés, em Goa, no início da década de cinquenta, ao proporcionar oportunidades de empregos na extração daqueles minérios aliviaram, mas não cessaram, a emigração.

Nos tempos mais recentes, na década de setenta, o desenvolvimento na área do turismo, proporcionou novas oportunidades de emprego em Goa, e atenuou o fluxo migratório.

Nesse mesmo período, os países árabes do Médio Oriente, no seguimento do choque petrolífero, decidiram diversificar e reestruturar a sua economia. Um desenvolvimento sem precedentes atraiu para estes países trabalhadores da construção civil e da área de serviços. Estes novos horizontes estavam separados “apenas” pelo Oceano Índico. Os nossos compatriotas, em grande número, encontraram o seu Eldorado nas areias quentes dos Emiratos do Médio Oriente.

De acordo com o GMS 2008, a diáspora goesa está dispersa em 43 países por esse mundo fora, sendo que só no Médio Oriente vivem cerca de 56% dos nossos emigrantes. Na Europa 13%, 11% no Sul e Sudeste Asiático e 10% na América do Norte.

Outra característica da nossa imigração e que merece realce, é o facto de 6,9% dos emigrantes serem embarcados. Trabalham nas várias áreas de apoio

(cozinha, copa, empregados de mesa e músicos) nos grandes paquetes que operam nas viagens de lazer (cruzeiros).

A idiosincrasia da diáspora goesa

Em traços largos, na nossa perspectiva, podemos identificar duas diásporas, enquanto dispersão dos povos, com um intervalo aproximado de três séculos:

- A primeira (Mangaloreana), como referimos anteriormente, teve na sua génese, fundamentalmente, motivos religiosos.
- As subsequentes, por motivos de ordem económica e política.

A segunda onda da diáspora goesa tem o seu início no segundo e terceiro quartel do século dezanove. A então Índia britânica, atravessava um período de grande desenvolvimento, principalmente nos grandes centros urbanos de Bombaim, Puna, Calcutá e Karachi.

A emigração dos nossos compatriotas era do agrado das autoridades inglesas, quer pelos hábitos ocidentalizados dos goeses, na sua larga maioria, de origem católica, a sua fluência no inglês, o serem cumpridores da lei e, no passado longínquo Bombaim ter sido oferecida à Coroa Inglesa como dote do casamento da Princesa Catarina com o Rei Carlos II de Inglaterra.

Para além das cidades vizinhas na Índia, outros países da Africa Oriental (Quénia, Uganda, Tanzânia) e do Médio Oriente (Iémen) foram o destino desta leva da diáspora goesa.

Na década de setenta, com a independência das colónias inglesas e governos populistas e xenófobos, os nossos compatriotas que tinham ajudado a desbravar os sertões africanos e trabalhado arduamente para o progresso e desenvolvimento dos países de adopção, viram-se forçados a refazer a sua vida num curto lapso de tempo, como foi o caso do ultimato do ditador Idi Amin Dada. Milhares de goeses tiveram que deixar os seus bens e, agora, por motivos políticos ir à procura de novos horizontes. Os que eram detentores de passaporte inglês, encontraram acolhimento na potência colonizadora – a Velha Albion – outros arribaram no Canadá e Estados Unidos da América e, ainda nos países da Oceânia como a Austrália e Nova Zelândia.

No final da década de setenta, de acordo com uma publicação, havia uma comunidade com cerca de 150000 goeses nos Emiratos Árabes Unidos e outros

países árabes limítrofes⁸.

O país colonizador de Goa (Portugal), onde já existia uma pequena comunidade goesa, na sua esmagadora maioria altos quadros da administração, profissionais liberais, como médicos e advogados, docentes do ensino secundário e universitário, estudantes universitários, e oficiais do exército, viu, com a anexação de Goa, aumentar significativamente a população goesa, que para muitos serviu de rampa para a emigração para as suas colónias africanas, principalmente Moçambique, onde já havia uma colónia considerável de goeses.

Um estudo realizado em 1992, mencionava 11000 goeses residentes em Portugal, dos quais 6000 na área de Lisboa⁷.

Uma das características da diáspora goesa, principalmente nas colónias inglesas, quer da Ásia quer da África, foi o empreendedorismo nas mais diversas áreas da sociedade (estruturas mutualistas, cooperativas de habitação, sector da educação e agências bancárias para microcrédito)⁹ e solidariedade para com os recém-chegados.

As associações dos goeses, nas cidades de Bombaim, Calcutá e Karachi, providenciavam o alojamento, até à plena integração na vida comunitária, dos recém-chegados, que não tinham qualquer alojamento próprio ou de familiares. Eram os denominados *kuds*.

Este espírito humanista das nossas comunidades das diásporas, não está direccionado somente para dentro da comunidade, mas estende-se para toda a sociedade que os acolheu.

O acolhimento, a integração, o trabalho e a entrega total no desenvolvimento e prosperidade do país de acolhimento leva a que a nossa diáspora



Figura 1. Os kuds de Bombaim.



Figura 2. As rotas da diáspora. Paquete Kampala
(Fonte: Norman Middlemiss. Shipping, 8 Dec. 2015)

considere como sua a terra de adopção.

Não é, pois, de surpreender, que no estudo GMS2008, realizado em 6000 habitações de Norte a Sul de Goa, o regresso dos nossos emigrantes à sua terra natal era de cerca de 4%⁷. Por motivos políticos, os países árabes do Médio Oriente, não permitem a aquisição da cidadania e permanência definitiva no país que os albergou.

Considerações finais

Um território pequeno com poucos recursos económicos, quer pelo facto da mãe natureza não ter sido pródiga em proporcionar riquezas naturais, quer pela inércia ou incapacidade dos seus governantes de gerenciar os que tinham à sua disposição, estaria fatalmente condenada à penúria e miséria. Salvo, se os seus habitantes não se conformassem com o subdesenvolvimento. Numa perspectiva de futuro, os seus habitantes tinham como opção duas saídas: manterem o apego à terra mãe e, no horizonte um prenúncio de pobreza e negrume. Em alternativa, um inconformismo a incentivar a demanda de um porvir risonho.

Ao longo de décadas, centenas de milhares dos nossos conterrâneos, munidos de conhecimento e herdeiros de valores incutidos pelos antepassados, deixaram a sua zona conforto e rumaram a destinos que alimentavam sonhos de esperança.

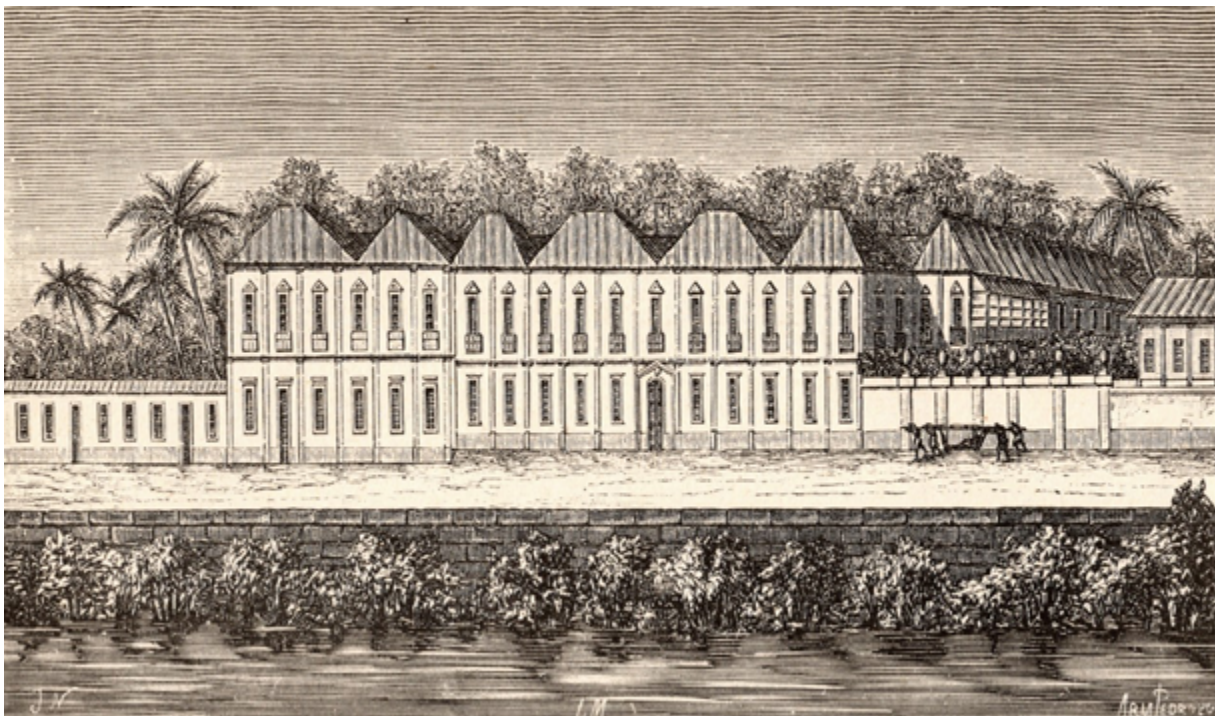
No porto de Mormugão, na hora da partida, na bagagem, um baú, quiçá uma mala de cartão.

Na memória, para sempre gravadas, as estrofes do ex-libris da alma da diáspora goesa.

Adeus korcho vellu paulo / Ai mhojem kalliz rê fapsota

Referências

1. Kanjamala, Augustine; Commission for Proclamation and Communication (Catholic Bishops' Conference of India) (1997). Paths of mission in India today. St Pauls BYB. p. 160. ISBN 978-81-7109-286-4
2. Silva, Severine; Fuchs, Stephen (1965). The Marriage Customs of the Christians in South Canara, India
3. Mario Cabral e Sá. Is the march Over? Hindustan Today, October 1997. [Http://groups.google.co.il/group/sci.lang/browsethread/thread/3ca83ee7b7a7c1f7](http://groups.google.co.il/group/sci.lang/browsethread/thread/3ca83ee7b7a7c1f7)
4. Elvino de Sousa, Bernardo. The Last Prabhu: A Hunt for Roots: DNA, Ancient Documents and Migration in Goa. Copyright Bernardo Elvino de Sousa 2020. Pg. 87-89.
5. Monteiro, J F. Francisco Luís Gomes – Parlamentar e Economista. Revista da Casa de Goa, II Série, Nº 2, Jan/Fev 2020 pp. 31-32.
6. Carvalho Selma. Revisiting Goan Diasporas of Pakistan and East Africa. <file:///C:/Users/jfpmo/OneDrive/Ambiente%20de%20Trabalho/Revisiting%20GDiasporas%20de%20Pakistan.html>
7. Goa Migration Study, 2008. <https://migoasite.wordpress.com/2017/09/24/goa-migration-study-2008/>
8. Goa Today, "Call of the Gulf", Vol. XXIII, Nº 2, October 1988
9. Faria, Alice Santiago, Mendiratta Sidh Losa. Goans and East-Indians: A Negotiated Catholic Presence in Bombay's Urban Space.



Casa de D. António de Cárcomo Lobo (In: A. Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886, Vol I)

FACTORS FORCING GOAN OUT-MIGRATION: FROM THE 18TH TO MID-20TH CENTURY (WORLD WAR II)

*FACTORES QUE FORÇARAM A EMIGRAÇÃO GOESA:
DO SÉCULO XVIII A MEADOS DO SÉCULO XX (II GUERRA MUNDIAL)*



Philomena Lawrence

Freelance journalist, New York, USA

Jornalista freelancer, Nova Iorque, EUA

Gilbert Lawrence

Doctor, specialist in radiation oncology, New York, USA

Médico especialista em radiologia oncológica, Nova Iorque, EUA

Abstract

Initially, the migration was directed towards Portugal's colonies in Asia and Africa. The English, too, appreciated the Goans for their "European personalities" and encouraged them to relocate to English colonies within British India, in the Middle East, in East Africa and on British ships.

Resumo

Inicialmente, a emigração foi direcionada para as colónias de Portugal na Ásia e na África. Os ingleses também apreciavam os goeses por sua "personalidade europeia" e os encorajavam a se deslocar para as colónias inglesas dentro da Índia britânica, no Oriente Médio, na África Oriental e em navios britânicos.

Undoubtedly, life in Goa under colonization was tough and uncertain. Goa enjoyed economic prosperity in the 16th and 17th centuries, despite the Sultans of Bijapur repeatedly mounting skirmishes to regain their territory and lost trade. Consequently, in the midst of economic prosperity, Goans were gripped with the daily threat of looming wars and colonial exploitation all around — over both land and sea. In addition to war-related collateral damage to life, property, and agriculture, the residents had to contend with natural disasters such as drought, floods, famine, endemic diseases, and epidemics. The uncertainties of religious intolerance and the Inquisition also took their toll on the local population and forced their migration to neighboring lands.

Under normal circumstances and even pre-colonization, the survival of the Goan family depended on the harvest of a single crop, which was planted annually in what is referred to as "subsistence farming" (as opposed to the surplus of "cash crops" which were sold). Subsistence farms are generally small; the farmers do not invest in fertilizer and pesticide, and the produce barely met the family's needs; the small amount of available surplus was sold. The extended household had to depend on the yield of one harvest for an entire year. Famines, droughts, and calamities were the common factors and with an accompanying colonial tax forced desperate people to leave their homes and land in search of food and better opportunities to earn a living. This was seen in

Portuguese and later British colonial territories.

Until the 20th century, the average life-expectancy was 40 years. Many died from hunger and disease; for young mothers, child-bearing posed life-threatening risks. Although the capital city had its own hospitals, there was no healthcare available in the villages. The first major illness was usually fatal. The loss of a parent or that year's crop invariably resulted in the grieving having to rely on hand-outs from relatives and charitable organizations to pull through another year. It was rare to find a family that was fortunate enough to have both parents reaching old age. Joint-family support was vital, especially in acutely severe crises. But on a sustainable time frame, it was difficult for relatives who were themselves struggling financially to help indigent kin. Faced with such crises, the poor had the option to either grovel in uncertainty or grab the opportunity to strike out on their own.

When the father of a young family passed away, his wife or oldest son invariably stepped up to the plate to secure the family's survival. Such was the case when my grandfather died in the 1920s, leaving behind his wife, my nine-year-old dad and his two younger sisters. When a mother dies, however, it is usually the oldest daughter who answers the call of duty. Every family had its story(ies)! Often, the entire family or only the eldest child was forced to migrate ASAP to seek employment and support the other family members, especially to make sure the children got an education. Without the benefit of an education or special skills themselves, these job seekers were faced with few opportunities, mainly as servants on land or on ships. After months of soul-searching, agonizing and second-guessing, the migrants considered venturing into the larger world beyond Goa in search of employment or enrollment in English-medium schools and colleges.

By the 1800s, Portugal began losing interest in Goa and focused instead on exploring mineral-rich Brazil, a colony in the Lusitania crown. The Iberian royal family even moved to Brazil in 1807. The eastern Iberian empire was going through a transition caused by increasing trading competition and military pressure from the Dutch, English, and the Marathas. In addition, Portugal was experiencing domestic problems on its own soil. In Goa, transportation for natives who lived in the rural areas was limited to ox or bullock carts; horse-drawn carriages (gadis)

were available in towns. The most common mode of travel was on foot. In addition to having the cultural occupation-based caste system, native Goan society was also stratified by hereditary villagers (Gauncars) and newly-arrived Indian settlers (mundkars), who maintained many century-old superstitions and practices. There was a clear sense of shared identity even though individuals were intent on facing their own life struggles.

From 1800 forward, there was little incentive for Lusitania to invest in Goa and Goans despite the colony's lofty "Overseas Province" label. Trade was declining and jobs were disappearing. Initially, Goans received a fortuitous reprieve when the *descendants and mestizos* left Goa and headed for Portugal, Africa or Brazil. The Goan middle class could claim the emigres' homes, lands and jobs. But by the late 19th century the financial difficulties were affecting all strata of society which was seeing exploding population due to better economic conditions. Educated Goans, usually younger sons with no inheritance or the oldest with no interest in farming joined the exodus and looked to Portugal and other colonies for government services. In addition to Goans, the migration bandwagon was joined by other Indians and Chinese.

Education of Luso-Indians (L-I)

Lusitania's colonization of Goa resulted in a vital benefit to its residents -- parish-run schools provided free or almost-free grade and high school education, an advantage that even students in Portugal did not have access to. During the initial period of colonialism, the native society considered sons as a family's future bread-winners and girls as future spouses, mothers, and care-givers. Some segments of society were restricted by the traditional hand-me-down professions of their community (caste or sub-caste); others valued education and were prepared to make the personal and financial sacrifice to obtain a good education, including sending their sons to boarding schools. Young L-I boys and girls learned their smarts from the ground up -- that things don't just happen, they are made to happen.

By the latter half of the 19th century, people began to recognize the enormous value of getting an education, which was by then freely available to boys as well as girls and across all strata of society. The church also

took the initiative by establishing colleges in Bombay, Bassein and Mangalore. Within the home, parents and relatives never failed to remind the young, “Don’t expect to be successful if you don’t apply yourself to studying.” Young boys were expected to support themselves as soon as they were old enough to earn a living. In some situations, personal connections or “influence” helped, but ultimately the individual had to prove his mettle by overcoming whatever stood in the way of providing the employer with excellent service. Besides, it was vital to accept family obligations which had been laid down through the centuries and preserve the good name of the family. Konkani has many appropriately rhyming proverbs, and there probably is one for the dictum: “Prove your enthusiasm for the job by arriving an hour early and staying an hour late.” It was not uncommon that a grandparent’s (in my case, a grandaunt’s) frequent counsel would be echoed by renowned writers such as Wayne Huizenga who famously stated, “Some people dream of success, while other people get up every morning and make it happen.”

The onus was on each individual to find a way to secure a good-paying job, even if that required traveling over land and sea. The travel to Bombay, Karachi, Middle East, African colonies (British or Iberian) was by boat – British ship or Arab dhow. The separation from family members was always emotionally difficult. After the final goodbyes were pronounced and the ship sailed away from the quay, the travelers made their beds in their temporary accommodations of wall-to-wall Goans. Colonial officers had the acronym POSH (port outward, starboard home) stamped on their baggage; the marking meant the travelers’ cabins faced away from the scorching sun. This luxury was paid for by Goan tax payers. As the sun set, and the sky reflected the warm, orange rays, a few of the travelers uncorked their carafes or jugs of feni, while others spent the evening pondering what the future might hold for them. Veteran travelers were stocked with their sealed carboy directly obtained from their village distillery.

College Education in Bombay

The parish schools in Goa and other Portuguese enclaves provided formal education to grade and high schoolers preparing for the matriculate / SSC exams in English. Pre-1961, students had to leave Goa to

pursue undergraduate or graduate courses in English.

Bishop Hartman and his successors deserve a great deal of credit for establishing about 12 educational establishments in Goan residential neighborhoods in south, central, and north Bombay, as well as a seminary. Prominent among these was St. Xavier’s College (1867-1873) which did not discriminate on the basis of religion, but admitted Catholics, Hindus, Protestants, Parsees, Muslims and Jews, among others. St. Xavier’s High School was built (1885-1886) on Carnac Road to cater to the Goan community living in the Cavel – Sonapur area. St. Mary’s School served the educational needs of boys residing in the Mazagon and Byculla neighborhoods, and St. Michael’s School in Mahim did the same for north Bombay students. Later, other schools were founded.

Given the socio-cultural attitudes of the residents, the church provided formal education for girls by founding several dedicated girls’ high schools in Goa, Bombay and other enclaves. In 1940, Sophia (Greek for wisdom) College for girls was opened in Bombay under the direction of the Society of the Sacred Heart of France (1880). From its inception, this institute welcomed students of all faiths. The college prepared women students to receive graduate degrees in the arts and sciences.

At the turn of the 20th century, Goans began receiving a college education in increasing numbers, something their mothers and fathers never had. English-language colleges in Bombay, Bassein and Mangalore complimented the Portuguese-language colleges in Goa. By the late 20th century, it was especially gratifying to see girls of that generation being awarded one or even two university degrees, while their mothers had barely finished grade school. Kudos to Goan girls and their parents!

The Pardroado bishops worked in collaboration with the Archdiocese of Bombay and priests from Goa to serve the spiritual needs of the Goans living in Bombay. For this purpose, they built Gloria Church (Mazagon/ Byculla), St. Michael’s (Mahim), Our Lady of Seven Dolours (Sonapur) as well as churches in Cavel, Salvacao and Sion. Between the years 1794 and 1886, Bombay’s Catholic community was under a double ecclesiastical jurisdiction. More information is available in the book’s chapter on East-Indians. The Bombay Goans have risen to all levels of society in independent India.

Goan interest in Western and Indian music is the iceberg below the surface. The seed for music – singing and playing musical instruments -- was planted when parishioners sang in the church choir or learnt to play a musical instrument. Goans have displayed a unique talent for fusing western and eastern music genres as well as synthesizing classical and hip-hop music for the movies. There are some outstanding Goan musicians who excelled in Indian orchestra performances and contributed to Bollywood music as composers, arrangers, conductors, and as singers. Goan music talent is not only evident in India's big screen industry; which is larger than Hollywood's, but also on Pakistani and Mid-Eastern movies. Until recently, only Goans provided musical accompaniment on the violin, guitar and concertina for Bollywood movies.

Soon after Goans migrated to Bombay, the bomboicars who were unfamiliar with Hindi, Marathi or Gujarati became fluent in English, which served them well while rubbing shoulders with other educated Bombay residents who were fluent in English – the language of commerce and learning. Versatile Goans soon picked up words and a “working knowledge” of Indian languages that were needed for survival and employment. An aptitude for learning new languages permitted them to shop, work, travel and settle in a new milieu. Living in ethnic neighborhoods with nearby places of worship, a pleasant extended family and a congenial social environment all contributed to making life bearable and often successful for the newcomers. There was invariably a spring in their step, which began early in the morning during the daily rush-hour commute by bus or train, lunch-box in hand.

The urban migration that ensued to cities like Bombay and Karachi or to towns like Poona and Belgaum was by no means a walk in the park. The early 20th century migrants faced daunting challenges such as finding jobs, housing as well as place of worship and socializing with like-minded people. Each of these hurdles came with “glass boundaries,” which were determined by external pressures or internal qualms. The latter were generally dictated by occupation, religion, caste, and unabashed chauvinism. Migration to Portugal or its colonies entailed the preservation of *Goanidade* (Goan identity) in the midst of White, Black and other

Brown cultures. To achieve their *saudade* (internal happiness), Goans organized clubs and gymkhanas, where they met other Goans and sipped on glasses of Johnny Walker or Madeira. In these institutions, Goans had the choice to be a “bore” (talk about themselves), a “gossip” (talk about others), or a BC (brilliant conversationalist) who asked questions and was a good listener.

In the mid-20th century and after World War II, things changed dramatically. India got her independence, and urbanization moved full steam ahead. The population explosion resulted in rampant consumerism -- housing, automobiles, and other items to improve the quality of life. However, there was a heavy price to pay, especially associated with increased work-related stress and separation from families. Goans experienced a marked rise in the incidence of smoking, drinking and other addictive behaviors.

In the larger world of the diaspora of the 21st century, it is imperative that we expand our horizons. It isn't unusual to meet a “Pinto” who is Goan, or Mangalorean, or East-Indian or from Madras or Bengal, and we understand the historical connection. On the international stage, our children and grandchildren meet and often marry others with similar backgrounds. So, unless one is a khoro-nizgoenkar hiding under a rock, it will be difficult to meet pure-bred Goans in the future. Even today, the purist *Bamons and Chardos* are culturally Luso-Indians and proud of that heritage. We have to accept that colonialism's everlasting legacy is the diaspora of a colonized people. It is now for the educated and affluent diaspora who share a common thousand-year history to unite what the colonists laid asunder. Will we meet the challenge?

Acknowledgment: Article first published in *The Global Goan* (May 2021, vol 2, issue 2, pp. 10-13; pp.55), a partner magazine of *Revista da Casa de Goa*. The Global Goan holds intellectual property rights to articles it publishes.

Note: Philomena Lawrence and Gilbert Lawrence are authors of *Insights into Colonial Goa*, published by Amazon and Kindle. Available in e-book and paperback. For more information, click available [to buy on Amazon](#)

DIA DE JÚBILO PARA OS GOESES

A DAY OF JOY FOR GOANS



João Manuel Pacheco de Figueiredo

Psychiatrist and historian. Clinical Professor of Psychiatry at Yale University School of Medicine, New Haven, CT, USA.

Psiquiatra e historiador. Professor de psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Yale, New Haven, CT, EUA.

No dia 4 de Julho de 1776 um grupo corajoso de cidadãos ingleses estabelecidos na América do Norte declarou o seu desejo de separação da Inglaterra para constituírem uma nova nação, Estados Unidos da América. Volvido mais de um século e meio, no dia 4 de Julho de 1930, num recanto remoto da costa ocidental da Índia, enquanto os Americanos celebravam o Dia da sua Independência, três Goeses apresentavam em Goa uma declaração ao Conselho do Governo da Índia Portuguesa. A declaração respondia ao pedido de Dr. Oliveira Salazar, ao tempo Ministro das Colónias, para uma opinião da Índia Portuguesa através do Conselho do Governo sobre o seu projecto do Acto Colonial. Esse Acto declarava no Artigo 2º: “*É da essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas que neles se compreendam, exercendo também influência moral que lhe é adstrita pelo Padroado do Oriente.*” E no Artigo 3º: “*Os domínios ultramarinos de Portugal denominam-se colónias e constituem o Império Colonial Português.*” Os quatro Goeses constituíam a parte eleita do Conselho do Governo: Luiz de Menezes Bragança, autor da Declaração, António Xavier Gomes, Narana Bandorcar e Cipriano da Cunha Gomes, co-signatários. A declaração foi adoptada pelo Conselho do Governo por voto unânime. Vai a seguir essa declaração transcrita da Acta do Conselho do Governo:

“1º *A Índia Portuguesa não renuncia ao direito*

On July 4, 1776, a courageous group of English citizens established in North America declared their desire to separate from England to form a new nation, the United States of America. More than a century and a half later, on July 4, 1930, in a remote corner of the western coast of India, while the Americans were celebrating their Independence Day, three Goans presented in Goa a declaration to the Government Council of Portuguese India. The declaration responded to the request of Dr. Oliveira Salazar, then Minister of the Colonies, for an opinion from Portuguese India through its Government Council on his project of the Colonial Act. That Act stated in Article 2: “It is of the organic essence of the Portuguese Nation to perform the historical function of owning and colonizing overseas domains and to civilize the indigenous populations that are comprised in them, also exercising the moral influence assigned to it by the ‘Padroado do Oriente’” And in Article 3: “The overseas domains of Portugal are called colonies and constitute the Portuguese Colonial Empire.” The three Goans made up the elected part of the Government Council: Luiz de Menezes Bragança, author of the Declaration, Venctexa Dessai and António Xavier Gomes Pereira, co-signatories. The declaration was adopted by the Government Council by unanimous vote. This statement, transcribed from the Minutes of the Government Council, ran as follows:

“1st Portuguese India does not renounce the right of peoples to reach the fullness of their individuality, until they become units capable of directing their

que tem os povos de atingir a plenitude da sua individualidade, até virem a constituir-se unidades capazes de dirigir os seus destinos, visto ser um direito originário, da sua essência orgânica;

2º Preconiza que, mantendo-se a organização do Estado Português estabelecido na Constituição Política da República:

- a. Não haja entre a Metrópole e as Províncias Ultramarinas discriminações de direitos e garantias individuais expressos no Art. 3º e seus números da Constituição e se mantenha a representação da Índia no Congresso da República.*
- b. O regime de descentralização administrativa e autonomia financeira das Províncias Ultramarinas seja restabelecido nos termos definidos nos Artigos 67º B e 67º F da Constituição como ponto de partida para instituições representativas de mais larga acção.*
- c. Seja restabelecido na Índia o princípio de maioria eleita no mais alto corpo deliberativo do país, sendo reconhecida a intervenção dessa maioria, por meio dos seus representantes, na função especial do “exame e visto”, de ordenamento das despesas e das contas de gerência”*

Ao contrário dos fundadores dos Estados Unidos, Menezes Bragança, Venctexa Dessai, e Gomes Pereira não pediam a independência política de Goa. Nem era seu desejo a transferência da soberania para a União Indiana a qual, ao tempo, não existia ainda como nação. Conhecido como o “Maior de Todos”, Menezes Bragança achava que o povo de Goa tinha uma individualidade e psicologia fundamentalmente distintas dos povos do resto da Índia, resultado da política assimiladora de Portugal, e sempre foi de opinião que a Índia Portuguesa era parte e parcela da unidade espiritual da Pátria Portuguesa. Apesar da sua oposição veemente ao Acto Colonial, pedia simplesmente para o povo da sua terra representação democrática e máxima autonomia administrativa e financeira sob a soberania portuguesa.

Dizer que Menezes Bragança é o “Tilak de Goa” mostra ignorância daquilo que ele desejava para a sua terra. Lokmanya Tilak queria, para a sua Índia, completa e imediata independência (“Swaraj”) do jugo colonial dos Ingleses. Menezes Bragança foi sempre leal a Portugal e durante a Primeira República foi elogiado pelo Dr. Jaime de Morais, Governador

destinies, since it is an original right, of its organic essence;

2nd Recommends that, maintaining the organization of the Portuguese State established in the Political Constitution of the Republic:

- a) There is no discrimination between the Metropolis and the Overseas Provinces of individual rights and guarantees expressed in Art. 3 and its Constitution numbers and the representation of India in the Congress of the Republic is maintained*
- b) The regime of administrative decentralization and financial autonomy of the Overseas Provinces is reestablished in the terms defined in Articles 67 B and 67 F of the Constitution as a starting point for representative institutions of broader action.*
- c) The principle of majority elected in the highest deliberative body in the country is reestablished in India, the intervention of that majority being recognized, through its representatives, in the special function of the “examination and visa”, of ordering the expenses and accounts of management”*

Unlike the founders of the United States, Menezes Bragança, Venctexa Dessai, and Gomes Pereira did not ask for political independence from Goa. Nor was their desire to transfer sovereignty to the Indian Union, which, at the time, did not yet exist as a nation. Known as the “Greatest of All”, Menezes Bragança thought that the people of Goa had an individuality and psychology fundamentally different from the peoples of the rest of India, the result of Portugal’s assimilationist policy, and it was always of the opinion that Portuguese India was part and portion of the spiritual unity of the Portuguese Nation. Despite his vehement opposition to the Colonial Act, he simply asked for the people of his homeland democratic representation and maximum administrative and financial autonomy under Portuguese sovereignty.

To say that Menezes Bragança was the “Tilak de Goa” shows ignorance of what he wanted for his homeland. Lokmanya Tilak wanted, for his India, complete and immediate independence (“Swaraj”) from the British colonial rule. Menezes Bragança was always loyal to Portugal and during the First Republic he was praised by Dr. Jaime de Morais, Governor of Portuguese India, for his loyalty to Portugal and his honesty. Unfortunately, the little he asked for he did not obtain, and the Colonial Act was promulgated and incorporated into the 1933

da Índia Portuguesa, pela sua lealdade ao Portugal e honestidade. Infelizmente, o pouco que pediu, não obteve, e o Acto Colonial foi promulgado e incorporado na Constituição de 1933. A reacção de Menezes Bragança foi afirmar que “a Constituição de 1933 traiu o espírito da Constituição de 1911”. Encerrado o seu jornal “Luz - Pracasha” por ordem do Governo, silenciou a sua voz para sempre.

Assim nasceu a fatalidade histórica do povo da Índia Portuguesa. Como muito bem disse o Vice-Rei da Índia Portuguesa Conde de S. Vicente, “a Índia só se vê de muito longe e só se ouve muito tarde”. A voz da Índia Portuguesa ecoou no deserto e morreu. O destino de Goa foi decidido por outros, não pelos Goeses. O direito humano de auto-determinação, um direito “originário, da sua essência orgânica”, nunca foi exercido pelos Goeses através dum plebiscito, e nunca mais será exercido, mas o protesto dos Goeses contra o Acto Colonial e a expressão do seu desejo natural de “atingir a plenitude da sua individualidade” ficaram assinalados para sempre nos anais da História.

A Declaração de Auto-Determinação é o documento mais importante da história moderna de Índia Portuguesa. O 4 de Julho não é um dia de júbilo e orgulho somente para os Americanos; é também para os Goeses.

Constitution. Menezes Bragança's reaction was to state that “the 1933 Constitution betrayed the spirit of the 1911 Constitution”. His newspaper “Luz - Pracasha” was closed by order of the Government, forever silencing his voice.

In this manner was born the historical fatality of the people of Portuguese India. As the Viceroy of Portuguese India Count of S. Vicente said so well, “Portuguese India is only seen from far away and only heard too late”. The voice of Portuguese India echoed in the desert and died. Goa's fate was decided by others, not by the Goans themselves. The human right of self-determination, an “original right, of its organic essence” was never exercised by the Goans through a plebiscite, and will never be exercised, but the protest of the Goans against the Colonial Act and the expression of their natural desire to “reach the fullness of their individuality” were recorded forever in the annals of history.

The Declaration of Self-Determination is the most important document in the modern history of Portuguese India. July 4th is not a day of joy and pride for the Americans only; it is also for the Goans.



Casa do Dessay de Lamagão (In: A. Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886, Vol I)

A DIÁSPORA GOESA¹

THE GOAN DIASPORA¹

Valentino Viegas

Editor Associado e Sócio Fundador da Casa de Goa, Portugal

Associate Editor and Founder Member of Casa de Goa, Portugal



Creio não se poder abordar um tema tão complexo e tão abrangente como é o da diáspora goesa sem se colocar algumas questões prévias, pois existiram várias Goas e diversos tipos de diásporas, como seja, a da saída de goeses de Goa para o exterior e destes locais para novos destinos, conforme foram ditando as mais diversas circunstâncias de vida.

Para não ficarmos enrodilhados e sem saída consensual na dificuldade da definição de goês e no intuito de facilitar a análise da questão da diáspora, vou admitir que goês é todo aquele que se sente como tal, independentemente de ter nascido ou não nas várias Goas que foram existindo ao longo do tempo, conforme a sua evolução histórica através dos séculos, e das cambiantes de Goas existentes dentro da actual Goa.

Quanto mais recuamos no passado, maiores se tornam as dificuldades. É provável que no séc. III a.C., esse território tivesse feito parte do império de Ashoka, cujos domínios se estendiam até ao sul de Goa.

Com a sua morte, em 232 a.C., e a fragmentação do império, Goa passou para o domínio dos Kadambas de Banavasi. Um ramo destes Kadambas estabeleceu-se em Goa, formando o reino de Kadambas de Goa. Jayakeshi I elevou a cidade de Chandor (Chandrapura), localizada a sul de Goa, a capital do império, tendo reinado nela em 1052 da nossa era.

Em consequência da expansão muçulmana,

progredindo do Norte em direcção ao Sul da Índia, Goa foi conquistada pelos correligionários de Maomé no século XIII.

Como tem vindo a ser comprovado ao longo da História da humanidade, por razões mais diversificadas, parte da população local abraça as cores dos vencedores. Assim, face à introdução da nova religião, muitos hindus se islamizaram, enquanto outros preferiram resistir ao invasor ou optaram por se refugiar nos territórios vizinhos.

Ignoramos quantos teriam procurado o caminho da fuga, mas admitimos que esta conquista deve ter provocado um dos primeiros grandes movimentos da diáspora goesa.

Contudo, em 1367, Goa é conquistada pelo Reino de Vijayanagara ou Reino de Bisnaga, o que deve ter provocado nova diáspora, desta vez dos muçulmanos.

Algures, entre 1367 e 1440, os goeses expulsam os seus conquistadores e tornam-se totalmente independentes.

Todavia, Goa torna a ser recuperada pelos seguidores de Maomé, com a consequente diáspora de hindus, para em 25 de Novembro de 1510 ser conquistada por Afonso de Albuquerque, com apoio de hindus.

Como muitos muçulmanos, que possivelmente se consideravam goeses, foram passados a fio de espada pelos portugueses, outros expulsos e terceiros procuraram a salvação na fuga, admitimos que, nessa altura dramática, ter-se-á dado o segundo maior

¹ In: Renascença Goa, episódio número 27, Pangim, Abril de 2021 (<https://www.youtube.com/watch?v=N2nDDwcGwo4>); e Diário de Notícias, 19 de Abril de 2021.

movimento da diáspora goesa.

Contudo, o espírito de tolerância religiosa encetado por Afonso de Albuquerque, e a harmonia prevalecente entre vencedores e vencidos, vai ser quebrado quando, a partir de 1540, o padre Miguel Vaz, vigário-geral da Índia, inicia o processo de demolição dos templos não cristãos existentes na ilha de Tiswadi.

Ângela Barreto Xavier calcula a destruição de trezentos templos com a concomitante transferência de suas rendas para o culto cristão, provocando não uma diáspora, mas autêntico êxodo de cerca de um terço da população goesa para os territórios vizinhos, perto de cem mil pessoas.

Duas décadas mais tarde, - o nefasto Tribunal de Inquisição, introduzido em Goa, em 1560, e a política de intolerância, perseguição e demolição dos templos prosseguida no tempo do vice-rei D. Antão de Noronha, conforme determinou através do decreto promulgado a 4 de Dezembro de 1567 -, levou mais goeses a abandonar a terra do seu nascimento.

Tirando alguns casos de pouca monta e outros esporádicos, a última grande leva de diáspora de goeses deu-se nas vésperas e após 18 de Dezembro de 1961.

Com a revolução de 25 de Abril de 1974, em Portugal, seguida de descolonização, milhares de goeses e seus descendentes, com maior expressão os residentes em Moçambique, optaram por rumar para Portugal.

No presente, com as incertezas a envolver o porvir do Brexit, é admissível que haja nova diáspora de goeses da Grã-Bretanha.

Reza a História que o pequeno território de Goa em 1510, acrescido de Velhas Conquistas e Novas Conquistas, foi sempre propenso à emigração e imigração. Desde o passado remoto, enquanto os goeses procuravam no exterior aquilo que a sua terra mãe lhes negava, outras pessoas, vindas do exterior, têm vindo a tentar a sua sorte em Goa para nela encontrarem melhores condições de vida do que as proporcionadas nos locais onde viviam.

Na falta de estudos credíveis, sobre países com maior prevalência de goeses e seus descendentes, sobram especulações, baseadas em estimativas cujos critérios são sempre discutíveis. Assim aponta-se, sem rigor científico, para Índia, Inglaterra, Portugal, Moçambique, Emirados Árabes Unidos, Paquistão, Quênia, Canadá, Zimbabué, Uganda,

Malawi, Austrália, Alemanha, Estados Unidos da América, Brasil, França, Ceilão, Angola e Bélgica, entre outros menos citados. Só um estudo sério e rigoroso, conduzido por uma equipa de investigadores credenciados, esclareceria as lacunas existentes, respondendo a várias perguntas em aberto e proporcionando numerosas teses de doutoramento.

Tratar-se-ia de um trabalho árduo que urge fazer, embora seja uma missão extremamente difícil e uma tarefa hercúlea. Mesmo que haja grande exagero, quando se avança com o número de cerca de cem mil goeses em fuga, em resposta aos excessos cometidos pelos portugueses a partir de 1540, fazer a história genealógica de apenas dez por cento desses fugitivos, escolhendo os mais importantes, assim como o papel por eles e pelos seus descendentes desempenhado nos países de acolhimento, seria um trabalho excelente. Diante das dificuldades encontradas na pesquisa dessa pequena amostragem poder-se-á imaginar o trabalho ciclópico necessário para se estudar, com propriedade, a diáspora goesa.

Como não fiz nenhuma investigação nesse sentido, posso apenas mencionar a minha percepção em relação a Portugal.

Como a sociedade tende a revelar os seus modelos e esconder os fracassos, dos goeses e seus descendentes, que decidiram fixar-se em Portugal, podemos vê-los como ministros, deputados, juizes, escritores, professores, médicos, advogados, engenheiros, militares de alta patente, presidentes da câmara, vereadores, directores executivos em grandes empresas multinacionais, jornalistas ou no desempenho de outras profissões relevantes.

São goeses que contribuem brilhantemente para o progresso do país de acolhimento e honram a terra que os viu nascer a eles ou aos seus ascendentes. Mas não nos iludamos, pois estão longe de representar apenas a nata da sociedade. A maioria passa despercebida como cidadãos comuns e outros vivem com dificuldades que procuram esconder, tal como fazem muitos seres humanos por esse mundo fora.

Tenho perguntado a mim próprio, qual a razão por que os goeses, em regra, são mais bem-sucedidos nos países de acolhimento do que na terra onde viram pela primeira vez a luz de dia. De entre as várias explicações que encontro, parece fazer sentido a seguinte:

Entregues a si próprios só têm um único caminho a

seguir: lutar arduamente, enfrentar corajosamente e sem esmorecer todas as dificuldades até alcançar os objectivos pretendidos.

Longe da terra do seu nascimento, sem a pressão nem os olhares vigilantes da comunidade, quase sempre atreita à crítica e adversa às mudanças, o goês desenraizado torna-se um homem novo que se vê obrigado a analisar friamente as difíceis situações em que se encontra e, como nem sempre tem a quem recorrer, luta para sobreviver, sem se

importar de fazer aquilo que era impensável na sua terra natal.

Sendo a hodierna Goa povoada, cada vez mais por pessoas vindas do exterior, por ser considerada o eldorado da Índia, compete aos goeses originários de Goa, seus descendentes e ascendentes, e a todos os filhos da diáspora, preservar, desenvolver e difundir os seus característicos valores culturais indo-portugueses, e também cultivar e manter viva a chama da singularidade da identidade goesa.



Armand Rodrigues

CEO with the Uganda Government and Manager with the Canada Revenue Agency (retired).
Co-founder of the Goan Overseas Association in Toronto, Canada.

Diretor executivo no governo do Uganda e Gerente na Agência de Receitas do Canadá (aposentado). Cofundador da Goan Overseas Association em Toronto, Canadá.

GOANS AND A MOVE TO GREENER PASTURES

OS GOESES E A SUA DESLOCAÇÃO PARA PRADOS MAIS VERDES

The transition

Depending on who you talk with, the Portuguese influence on Goans boils down to a love-hate relationship. Lack of development and progress in Goa, stemming from a stagnant feudal system, forced many a Goan to seek a livelihood outside, particularly towards the end of the 19th century. Ironically, because an Eastern civilisation had come into contact with a Western one and had thus revitalised its own cultural alternatives, the mutation gave the Goan a distinct edge over others in the East. What writer Pierre Gourou refers to as the "double treasure of civilisation" became an unexpected reality for the Goan. Indeed, Goans are said to have been the earliest non-European group to have come under the New World order.

The British were quick to recognise the potential of this unique blend of people and to recruit them to their burgeoning acquisitions in India and East Africa. It was no accident that all the recruits were Catholic.

It must be remembered that up to 1910, Hindus and Muslims in Goa lagged behind as they were denied a Portuguese education and so did not have the societal norms of those that converted to Catholicism. Also noteworthy is the fact that more people from Bardez than from Salcete ventured forth courageously to unknown Africa. The economic reality that caused this anomaly is attributed to the difference in land holdings.

This was essentially the orbit that brought Goans to the then-alien Uganda Protectorate, at the end of the 19th century. There are reasons to believe that because of common denominators in the realm of eating, drinking, dressing, dancing and worship, the British treated Goans as preferred recruits, especially in positions of trust.

Needless to say, many daring Goans arrived in Uganda of their own volition and indeed were about the first to set up shop in places like Jinja, Kampala,

Entebbe. Synonymous with business were names like Souza-Noronha and Figueiredo in Entebbe; the Almeidas, the Sequeiras, Figueiredo, Pinto, Godinho, Gomes in Kampala; Menezes, Fernandes in Jinja; Braganza in Fort Portal; the Carvalhos in Kabale; Luna and Pereira in Masaka; that come to mind.

Putting down roots

The ubiquitous and hardy Goan had trekked hundreds of miles and crossed the hippo- and crocodile-infested waters of Lake Victoria, in native canoes, to arrive in Entebbe at the turn of the 19th century. The railway line to Uganda did not exist.

Goans always had a propensity for following their noses to greener pastures and salubrious water-holes. Once basic needs of food, shelter and clothing had been satiated, for the gregarious Goans a club where they could meet and mingle, became the next priority.

In 1905, the Goan community in Entebbe totalled a mere thirty souls. To their credit, they established the Entebbe Goan Institute on April 24, 1905, and it made history as the first Goan club on the East African mainland.

Kampala Goan Institute followed on June 26, 1910, and Jinja Goan Institute on March 26, 1911. The Mbale Goan Recreation club, the St. Francis Xavier club in Kampala, and the Masaka Goan Institute sprang up in the succeeding decades. I would be remiss if I did not make mention of a breakaway club - the Excelsior - that came into existence in Entebbe in the thirties. But it died a natural death and the "prodigal" sons sensibly returned to the mother house.

The clubs were a second home to all and are credited with having kept the community cohesive. Of course, interaction with other communities was fostered throughout and kept the clubs vibrant.

On the home front, servants took care of the cooking and of the children. Those of us old enough to remember may recall how rain- water was collected in concrete tanks for daily use, before the advent of running water at the end of the forties. And, indelicate as it may seem, can you remember the bucket system and night-soil porters with their ox-laden, malodorous, collection tank? Also, don't forget the dependable multi-range Dover wood-burning stove, the kerosene lamps and charcoal

irons that served us well until electricity came into vogue in the late forties.

From the fifties onward, quality of life took a quantum leap upward and left little to be desired. If Jacob D'Souza, Max Figueiredo, A. D. Figueiredo, X. E. Almeida and C.C. Da Costa were about the only Goans with cars in the thirties, the difference in the sixties was remarkable.

In the sports arena

Most sports started in the first decade of the century at the Entebbe Goan Institute, with Kampala G.I. and Jinja G.I. following suit in the next decade. Reciprocal visits to sister institutions began in the late thirties when means of transportation improved.

Noteworthy is the E. G. I. Hockey Cup floated in 1922, which became the first Goan trophy of its kind in East Africa. The Uganda Olympic Committee recognised its role in the development of field hockey players, at the cup's Golden Jubilee in 1972.

Ironically, the E.G.I. only won its trophy for the first time in 1938. Bruno Fernandes (Goa) is the only survivor of the winning team. My late father, C. J. P. J. Rodrigues, happened to be the captain.

With the introduction of the Bandali Jaffer Cup in 1954 and the Dr. L. D. Ahmed Quadrangular shield in 1955, many a Goan was able to show off his mettle in top-notch competition. Lugogo stadium opened in 1959 and Goans were invariably at this new forum displaying their sporting prowess against the numerous visiting teams from abroad, when not engaged in local competition at the facility.

The civil service

Needless to say, an overwhelming majority of Goans were Civil.

Servants, and were acknowledged as the backbone of the Service, by the British. Sons (and later, daughters) followed in the footsteps of their fathers. Chalk it off to security or subservient inclinations, but economic necessity had to be the paramount factor.

The second generation were arguably better-educated than the first, more confident and forward. By the fifties several had moved into positions that may have previously been the preserve of the British, and outside the reach of their parents before them. With the advent of the Lidbury Commission in 1956,

the three pay scales in force (European, Asian and African) gave way to a single basic scale (Europeans got an inducement allowance too) and a structured Executive class. This improved mobility in a more-equitable set-up.

In all of East Africa it was recognised that on a comparative basis in the Civil Service, the Goans in Uganda had made the best progress. This trend continued until Independence in 1962. Prior to Independence, a list of all Asian and European expatriates (on overseas terms) was prepared and submitted to the Secretary of State. The main purpose was to establish who would qualify for compensation when the technical "change of employer" took place. It will be remembered that an Asian delegation went to England to ensure our rightful claims. Implied assurances did not materialise in the final event. But any misgivings that Goans had about their new employer, soon evaporated, and many moved even higher than before, after Independence. Several optimistic Goans even became citizens in the hope of better things to come, despite knowing that they may not have enjoyed equal rights with the natives. They came to regret this later.

Pre- and post-independence trauma

Prior to Independence, Africa was in turmoil with vociferous clamour to shed off the colonial yoke everywhere. Leaders fanned the flames by telling the masses that once they were liberated, homes, cars, T.Vs, radios, fridges, stoves, furniture etc. belonging to expatriates, would be theirs. Even before Independence, domestics in Kenya were referring to their employers' property as "my car", "my T.V.!" If you happened to be an Asian you were branded an "exploiter", or if an European in Kenya, a land-grabber.

Against this backdrop of unrest, witness the impact of the Kenya exodus, and the fleeing expatriates from the Congo at Independence, mainly through neutral Uganda. The panic was palpable. The masses in those countries cashed in hungrily on the promises of their leaders and helped themselves to the goods and chattels of the frightened-away expatriates. Pandemonium reigned supreme.

Uganda had civil disturbances before Independence but the British conscripted civil servants to guard strategic locations. Many Goans served with

courage, as special constables.

After Independence, many will remember the time in 1967 when the Kabaka (Monarch) was secretly shepherded out of Uganda by his faithful subjects, hours before Obote's troops could close in on him. The Baganda dug trenches across main roads to stop any pursuing military. At the clock tower in Kampala, and at other exit roads, the military had set up road blocks - large piles of firewood strewn across the road. Every vehicle was searched and drivers were roughed up. But the Kabaka was safely out.

Then there was the night in 1968 when the military revolted at their barracks in Jinja. At the E.G.I. there was a send-off party for the late Olive and Domenic Santos. News came that the military were heading for Entebbe. We, at the G.I., would certainly be sitting ducks for any gun-crazy army personnel. The evacuation was unbelievably swift. Never had Goans abandoned so many nearly-full glasses of liquor! The British Army was brought in from Kenya to quell the uprising, and they commandeered our club. Some of us went from door to door alerting people along the street that night. Every time we saw the lights of a vehicle, we took cover behind the fences.

The writing was clearly on the wall, but most fellow Goans seemed complacent or under the illusion that the "good life" in Uganda would never end. Quite a few were understandably showing a decided affinity for Uganda - a real paradise otherwise - forgetting the transient nature of their sojourn and unmindful of the unalienable rights and aspirations of the locals. It could only be a matter of time, but nobody expected that Uganda, which was a model of civil rectitude, and whose people were perhaps the friendliest in Africa, would transgress so suddenly and succumb to the whims of a single ingrate, in 1972.

But the die had been cast. Decree No.17 of 1972 sealed the fate of some 60,000 Asians (including citizens) who were required to leave by November 9, 1972. About 5,000 Goans became unwitting pawns in this blanket exercise. Personal effects and real estate had to be abandoned while their owners scrambled for life, and new "owners" descended like vultures to a kill.

It was the end of a glorious chapter. Destiny had dealt many, a cruel blow.

DISPLACED PEOPLE RE-SETTLED SUCCESSFULLY

OS DESLOCADOS REINSTALARAM-SE COM SUCESSO

Remember the burly, self-appointed African leader who gave himself a plethora of honorific titles, bedecked himself with an array of medals, and kept the severed head of an "enemy" as a prized trophy in his fridge? Yes, he was also responsible for killing off thousands of his countrymen, including some of his well-educated Ministers who he saw as a threat to his grave educational deficiencies or to his brute power. Also, when Britain refused to pander to his wishes for financial aid, he got some naive Britishers to carry him on their shoulders in a parade, and embarrassed Britain by captioning the photo "White Man's Burden"! In case you have forgotten, he was none other than the infamous Idi Amin of Uganda.

He is remembered for other atrocities too. In 1972, by means of Decree No.17 he summarily expelled some 60,000 Asian civil servants, businessmen and their families from Uganda. These people had been there all their lives and well before Uganda gained independence from Britain in 1962. Indeed, the civil servants, and many of their parents before them, were engaged by the British Government and continued to serve the African Government, loyally, after the British relinquished the Protectorate. Internationally, it was recognized that this small Asian population was the backbone of the country in more ways than one. Although less than half of 1% of the population of fifteen million, they contributed about 70% of the annual revenue. The post-expulsion chaos was palpable and swift. The public purse was looted by the new custodians and the country's infrastructure slid into ruin.

But what about the obverse side of the coin? The spotlight revealed the panic-stricken expellees scrambling to find a safe haven just about anywhere. Homes, personal effects, cars and businesses were abandoned. Or, army personnel and the locals simply helped themselves to anything they fancied, right in front of the bewildered owners. Some Asians buried their valuables in the hope of going back some day to retrieve them. It was common knowledge that outward bound refugees would be roughed up by the

army and be relieved of all valuables, including funds. Women were subjected to intrusive, body searches. Uganda, which was a model of civil rectitude, and was described by Winston Churchill as the Pearl of Africa, had succumbed to the whims of a single ingrate. Destiny had dealt the Asians a very cruel blow. They scattered in all directions out of Uganda.

To their credit, the Government of Canada reacted in a very timely manner, agreed to accept a significant number of the refugees, mobilized forces, and mounted an immediate rescue mission. The key players of the day were Pierre Elliot Trudeau, the Prime Minister, Bryce Mackersy, Minister for Immigration, and the Aga Khan, a personal friend of Trudeau's. In Uganda, Roger St. Vincent was the Charge de Affaires for Canada. The cause was purely humanitarian. Logistics were soon in place and 'planes were dispatched from Canada to pick up the hapless refugees from Entebbe airport, for direct flights back. This was a precedent-setting chapter in Canada's history. It was the first operation of its kind to rescue non-European refugees. They were ISMAILIS and GOANS.

Elaborate reception and re-settlement plans were put in place, post-haste, by Canada. In Toronto, a special Immigration kiosk was set up at the Toronto Dominion Centre, downtown. Similar arrangements were made in Montreal. Some 9,000 refugees ended up in Canada.

Winter clothing and boots, plus anything else needed to start from scratch, was provided or made available on a "help yourself" basis at a convenient depot. People could literally have come with nothing but the shirt on their backs. Everything else had been anticipated. Based on regional employment needs, people were matched to jobs in cities where they had the best chance of being successfully absorbed, and were earmarked for those cities, accommodation and school admissions were also arranged and monetary allowances provided until people were back on their feet in the workforce.

Employers welcomed the refugees with open arms and, in a matter of weeks, the refugees were weaned of

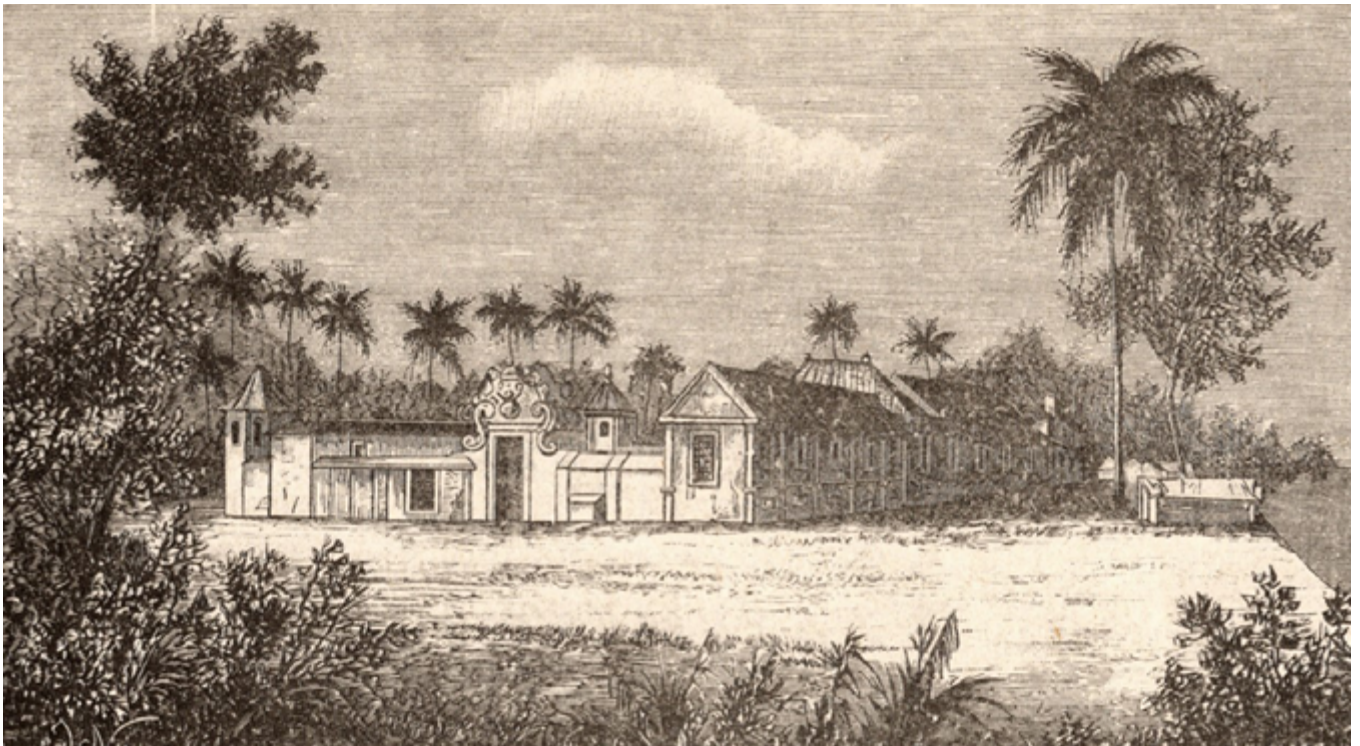
Government handouts. It was recognized that because of their Western orientation and English language skills, the refugees took to Canada like "ducks to water". This was especially true of the Goans, who benefited from the lengthy Portuguese presence in their motherland since 1510, and who had thus become the first in the East to come under the New World order.

More importantly, Canada benefited too. The refugees - both, men and women - came with an English education, exemplary work ethics, and years of valuable professional experience, that had not been acquired at Canada's expense. Qualitatively, Canada had never before accepted a better group of refugees. There was a strong perception of success in the endeavor and re-settlement process, shared by the refugees and Government.

Detached from their blighted past and their

harrowing experiences, the Ugandans showed intestinal fortitude and dug in with renewed hope for themselves and their children. Many upgraded their academic qualifications if only for the mythical Canadian content. Their quality of life kept getting better by the day and before long they were firmly on their feet and pulling their weight as full contributing citizens in the land of their adoption. Nearly all bought homes as soon as they could scrape enough funds together to make a down-payment. After all, they were used to a very comfortable lifestyle, with the added advantage of domestics, until they were rudely uprooted.

The refugees have reason to count their blessings in the comparative tranquility of their adoptive land, and to regard the Uganda "stopover" as a closed chapter in their lives. They are proud to be Canadian.



Dandim (In: A. Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886, Vol I)

FR. VASCO DO REGO: HIS CONTRIBUTION TO CHURCH AND KONKANI

FR. VASCO DO REGO: A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A IGREJA E PARA O KONKANI



Fr. Pratapananda Naik, S.J.

Founding member and former Director of the Thomas Stephens Konknni Kendr (TSKK), Goa.

Membro fundador e antigo diretor do Thomas Stephens Konknni Kendr (TSKK), Goa.

Abstract

Fr. Vasco do Rego, popularly known as 'Pitaji', occupied several positions in the Jesuit Order in India. His most valuable contribution to the Church in Goa was in the fields of Liturgy in Konkani and translation and editing work of the Konkani Bible. He was a former Rector of the Basilica of Bom Jesus and edited the Konkani monthly *Dor Mhoinneachi Rotti* in the last decade of his life. He was co-founder of *Ishaprema-Vinamra-Sevika*.

Resumo

*O Padre Vasco do Rego, popularmente conhecido como 'Pitaji', ocupou vários cargos na Ordem dos Jesuítas na Índia. A sua contribuição mais valiosa para a Igreja em Goa foi nos campos da Liturgia em konkani e no trabalho de tradução e edição da Bíblia em konkani. Foi Reitor da Basílica do Bom Jesus e editou o mensário em konkani, *Dor Mhoinneachi Rotti*, na última década de sua vida. Foi co-fundador da *Ishaprema-Vinamra-Sevika*.*

It is a herculean task to write the obituary of a multifaceted and multitalented personality like that of Fr. Vasco do Rego, a Jesuit priest of Goa Province. He was fondly known as "Pitaji" ("Father") among his friends and followers.

He was born on 8 January 1925, in Panjim, Goa. His parents were António Augusto do Rego, a well known doctor, and Aurora Maria Helena Correia Afonso. He was the grandson of Roque and Claudina Correia Afonso, a couple from Benaullim who had seven priests among their 52 grandchildren. Fr. Renato do Rego of the Archdiocese of Goa was his brother.

Early Life

He did his early studies in Portuguese (Primeiro and Segundo Grau) at Escola Massano de Amorim, Panjim. For his IV to VIII standards he studied in the English medium at St. Joseph's High school, a boarding school in Arpora, Bardez. From 1938-45 he was at Rachol Seminary. While doing his philosophy studies, he heard an inner voice telling him, "Trust in My Heart and go." He listened to this voice and joined the Jesuits to begin his novitiate at Vinayalaya, Andheri East, Bombay, on 5 August 1945.

After completing his novitiate (1945-47) and juniorate (1947-49) he was sent to do his Licentiate



Figura 1. Fr. Vasco do Rego (1925-2021).

in Philosophy at Sacred Heart College, Shembaganur, Tamil Nadu (then Madras).

Between 1950-52 he did regency at St. Paul High School, Belgaum (now Belgavi) and Loyola High School, Margão. Then he was sent to the Jesuit theologate St. Albert of Eegenhoven, Louvain, Belgium, to do his theology studies (1952-56), and was ordained as a priest there on 15 August 1955.

From 1956-1957 he did his tertianship at the Institute of Bellarmine, Wépion, Belgium and returned to Poona in 1957.

Many hats

Being a brilliant, talented, and multifaceted Jesuit priest, his name was proposed to be a teaching staff member for Jnana-Deepa Vidyapeeth (those days called the Papal Athenaeum), but God had other plans for him.

He served as a Student Counsellor at St. Vincent School, Pune (1958-1963). Thereafter he served the Society and the Church in various positions, such as Spiritual Director at Rachol Seminary (1963-67), Student Counsellor (1967-68) and Rector of Loyola High School, Margão (1968-73), Rector & Novice Master at Xavier Training College, Desur, Karnataka (1973-78); Director, Retreat House, Baga (1978-79); Rector, Bom Jesus Basilica, Old Goa (1979-95), Chaplain, Stella Maris Chapel, Miramar, Panjim (1995-98), Spiritual Ministries and translator of the Bible into Konknni (1998-), Editor, Dor Mhoineachi Rotti, a Konknni monthly, from 1 May 2009 up to his

death on 17 February 2021.

All his activities, vision, and life were centred and focused on 'Abba Father'. A Trinitarian-based spirituality guided his entire life and apostolates.

Contribution to Goa Church

The greatest and most valuable contribution he rendered to the Church in Goa was in the fields of Liturgy in Konknni and translation and editing work of the Konknni Bible.

The reform norms of Vatican II Council demanded that the liturgy and para-liturgy be celebrated in local languages. Translating Ordinary of the Mass canons from Latin into Konknni, he began at Belgaum at the request of Bishop of Belgaum. This news reached the Church authorities of Goa and they subsequently requested him to do the same in Goa.

In Goa, the switch-over from Latin to Konknni needed learned, talented, and dedicated persons. At this critical juncture, Fr. Vasco rendered yeoman service. He was one of the members to translate, edit and publish the Roman Missal in Konknni as *Romi Misa-Gronth* (1981) and the Roman *Missal as Romi Vachpam-Gronth* (1983).

Though his childhood occurred in a Portuguese-speaking atmosphere at home, he knew Konknni. Later he learnt Latin, Spanish, French, some Italian and Marathi. He had a working knowledge of Greek too. All these languages and his mastery over formal Konknni were his assets in his liturgical and biblical contributions.

Thanks to his efforts emerged a Konknni hymnal *Gaionacho Jhelo*, which is still used in Goa and elsewhere by Konknni speaking Catholics. The hymnal has 511 hymns. Fr. Vasco contributed lyrics to 332 hymns (64.97%) and music to 52 of his own hymns. Besides these, he has composed lyrics for 21 hymns on various themes and music for six Konknni hymns.

He has written fifteen poems in Konknni, ten hymns and poems in English, and two Portuguese poems. He has composed music for various parts of the Mass. His lyrics are not only rich in Konknni terms but they also based on profound modern theology and biblical themes.

He worked for several years to complete his maternal uncle Pedro Correia Afonso's translation of the Psalms, in the book *Stotram ani Sevadhormik*

Prarthonam. To his credit goes the lion's share for the work of the translation a few books of the Bible and the editing of the entire Bible. He worked on this project for several years.

His sermons in Konknni, written over several years on the occasion of the annual novena to St. Francis Xavier, have been compiled and published as *Sonvsarak Jezu Diat* by Thomas Stephens Konknni Kendr (TSKK), Alto de Porvorim. The Devanagari version of his book in Konknni, titled *Nazaretkar Jezu*, was also published by TSKK. Many of his articles in Konknni and English have been published in various magazines and newspapers.

Meanwhile, all his retreat and recollection talks, class notes of theology in Konknni and English remain unpublished.

Protagonist of Konkani

He was a strong protagonist of the Konknni language. He motivated seminarians, priests, nuns and laypeople to use a greater level of the Konknni language in their conversations.

He was a good preacher in Konknni, English and Portuguese. He also excelled as an Ignatian retreat director and was a sought-after speaker for recollection talks and conferences.

As a spiritual guide, he directed countless seminarians, priests and religious priests and nuns. While he was the Rector of Loyola High School, Margao, he introduced Konknni

as the medium of instruction in the said school and at Fatima Convent School, Margao, despite much opposition and hurdles from locals.

His several years of dedicated service to standardize the Konknni language was recognized. He was the first recipient of the award of Dalgado Konknni Akademi, Panjim, in 2005.

In 2014, the said Akademi conferred an award on the Goa Jesuit Province that runs the Karachi-founded *Dor Mhoineachi Rotti*. In 2015, the Directorate of Art and Culture, Government of Goa, too, recognized his contribution to Konknni and conferred on him the Goa State Cultural Award of 2013-2014.

Rector of Bom Jesus

The Novena and Feast of St Francis Xavier is among the most important religious events in Goa. It was Fr. Vasco who restored the sanctity of the shrine

and was instrumental in conducting a well-organized liturgy during the novenas, feast and the decennial Exposition of the Relics of the Jesuit Saint.

There are no two opinions regarding his greatest contribution to the abovementioned task. He got the shops and vendors cleared from the compound of the Basilica. During the days of the Novenas and Feast, vendors and other noisemakers were not allowed near the shrine. All this he achieved by convincing the Panchayat members, civil authorities and various government departments. He did all that even at the cost abuses, curses and threats. Maybe he cherished as a memento the big stone that was hurled through the window into his room. It was meant for his head, but miraculously missed the target!

During his term as the Rector of Bom Jesus Basilica many prominent global figures visited the shrine, chief among them being Prime Minister Indira Gandhi, Prime

Minister Margaret Thatcher, Prime Minister Pierre Trudeau, President Mário Soares and Pope John Paul II.

Founder

While Fr. Vasco was in Pune, feeling called to set up a Religious Family in the Church, he founded Ishaprema-Vinamra-Sevika (Humble Servants of God's Love), in 1961, with the collaboration of Norberta Lobo (later known as Mataji Nirmala), to make all persons, particularly the needy, know and experience our heavenly Father's love and concern for each one. Their homes are known as Ishaprema-Niketani (Home of God's Love), with branches in Assagão and Goa Velha. He continued to the end as its silent, humble, hidden Pitaji, passing to Mataji and the Tais (sisters) the inspiration he received from his Abba.

Fr. Vasco was one of the founders and great supporter of Thomas Stephens Konknni Kendr (TSKK), a Jesuit institute which promotes Konknni language, literature and culture through research and other activities. Though he was not a trained linguist, he had linguistic intuition of Konknni and he rendered his insights to trained Jesuit linguists of TSKK.

If one begins to count and write about Fr. Vasco and his many contributions, it would fill up many pages. He fully believed and lived the Jesuit motto "Ad majorem Dei gloriam" (All for the greater glory of God). He was truly a rare gem in the Konknni world and a treasured gift for the Society of Jesus and the Church in Goa.

KONKANICHO PROBHAV PORTUGEZ BHAXECHER

INFLUÊNCIA DO CONCANI NO PORTUGUÊS



Mousinho de Ataíde

Sallganvche Siminarint Latim bhaxecho xixkok, Gõy
(Lekhakachea jivitachi mahiti xevottak)

*Professor de Latim no Seminário de Saligão, Goa
(Notas biográficas no fim)*

16vea xekddeache survatek Portugez ani Gõykar sonskrutaieo ekamekak mell'leo. Ho sumell dogaim sonskrutaiank faideacho zalo. Portugez lekhok Conde de Fialho sangta Portugez Goyãm ailet ten'na thollavi lok oxikxit naslo punn tanche sovem sonskrutai asloli, zaito babten-ui Portugez sonskrutaie unni punn zaito babte-ui ek-sarki. Mhonntoch Portugez poriant Goenchi sonskrutai man'tale.

Bhas sonskrutaiecho ek mukhi bhag. Bhas nastanam sonskrutai na. Dekhun Portugez ani Gõykar sonskrutaio ektthaim zalim ten'na, Portugez bhaxecho ani Konkani bhaxecho sumell zalo, donui bhasank faideacho. Zaito pavtti Portugezanim Konkani bhaxek unni mhonn lekhlea, punn ho ek addvad. Dusre vatten Gõykar porian aple bhaxek lekhi naslote ani azun porian lekhinant. Punn eka kallar Portugez ani Konkani bhaxe modem sombondh aslolo ani azunui asa.

Portugez ani Konkani bhasam modem ixhtagoticho sumell aslo dekhun zaitim Portugez utram Konkantin bhitor sorlim ani Konkanicho akar ghetlo. Dekhik mez, kodel, adiadi. Dusre suvater, thoddim Konkani utram-i Portugezint bhitor sorleant ani Portugez utravollin azunui poriant ganvkar zalim.

Hea vixim don mottim pustokam asat, Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado-hannim boroil'lím. 19vea xekddeachea somptiar vo 20vea xekddeache survatek. Eka vhoddlea pustokachem nanv Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas, mhonnche Portugez Utravollichho Probhav Aziechea Bhasanher, nhoi fokot Konkaniche. Hea pustokak ekuch khondd asa, punn pustok vhoddlem ani tantunt

O encontro de culturas, luso-europeia e indo-goesa, nos alvares do século XVI, foi uma osmose que se foi operando em benefício de ambas. Eram duas civilizações próprias, cada uma completa. “Os europeus, e primeiro os portugueses, -- diz o Conde de Ficalho na sua obra ‘Garcia da Orta e o seu Tempo’, -- acharam-se em face de uma civilização completa, civilização diversa da sua, inferior em muitos traços e superior em alguns”. Não se tratou, portanto, de os portugueses civilizarem os goeses, mas de uns e outros se conhecerem, respeitarem, aprofundarem num processo de mútuo encontro, benéfico a ambos. Que aqueles, por vezes levados pelo complexo de superioridade, próprio da época, tenham tratado estes com sobranceria, não é uma regra geral, mas uma excepção, que foi facilitada pelo complexo de inferioridade destes vis-à-vis os primeiros.

A língua é uma componente essencial da cultura. Portanto, se em Goa as culturas portuguesa e goesa se entrecruzaram, é forçoso admitir ‘a priori’ que este cruzamento se tenha efectuado também a nível dos dois idiomas, português e concani. Quanto isto tenha ocorrido de facto, é mister examinar ‘a posteriori’.

Dado que o português era a língua dos dominadores, da administração e do ensino, é natural que a sua influência sobre o concani que a partir de uma certa data foi vítima de perseguição, fosse muito maior do que vice-versa. Restrinjo-me só a chamadas Velhas Conquistas, pois as chamadas Novas, onde o regime colonial durou muito menos, a influência é mínima. Acresce que os dominadores sempre tiveram um complexo de superioridade relativo à sua língua e

mahiti asa ti vixal. Dusrem pustok, don khonddanim, adlea-un vhoeddlem, tem Glossário Luso-Asiático, mhongge Portugez-Azian utravoll. Nanv vachlear pustokant kitem asa tem sam'kem gom'chem na. Nanv sadem, punn hea pustokant asa tem mahitichi ek khonn. Hem pustok amkam dakhoita Aziechea bhasanchim utram, Konkani-chech nhoi, Portugez utravollint bhitor sorleant tim. Hea utrancho ankdodo mezunk zaina titlo, ani amkam ojav dista ek mon'xan kedo vhoedd sodh kelo ani aplea sodhacho kitlo puskoll foll amkam dilo to. Sogllinch utram astolim mhonn amchean sangunk zaina, kiteak eka mon'xacho vavr sodanch opurnn, kiteak monis sompurnn nhoi. Punn him don-ui pustokam vachit to girest zata ani hea tachea vavra-von konnench azunui odik vavr korunk na. Itlench nhoi, aiz poriant tachea vavrak sori zatolo toslo na.

Dogannim matso proitn kela. Eklo mhazo ixtt, halim somplolo, Prof. Dr. Edward de Lima, Influence of Portuguese Vocabulary on Konkani Language, mhonnche Portugez utravollicho Probhav Konkani Bhaxecher; ani dusro, Vocábulos Portugueses de Origem Concani, mhonnche Konkani Orombhachim Portugez Utram, mhojea xrextt pradhapiokachea hatantlo, Pri. Filinto Cristo Dias.

Ho lekh borouk mhaka vhoeddlo upkar zalo to Pri. Filinto Cristo Dias-hachea pustokacho. Borochbor Dalgadacho Glossário-ui hanvem il'lo-il'lo vachla.

Pri. Filinto ek khalti monis ani to manun gheata jim Portugez utram Konkani orambhachim apnnem dileant tim Dalgadachea Glossário-hantlim apnnem khonddun kaddleant mhonn. Pri. Filinto-hannem 145 oslim utram dileant. Konkani utram Portugez utravollint proves kortana zaitem adol-bodol zala, kiteak zaito Konkani uch'char eka Portugez mon'xachean udgarunk zainant. 145 utram mhojean hea lekhant diunk zainant. Hea lekhant hanvem fokot, dekhik, pondrach dileant: abolim (aboli), bate (bhat), cambolim (kamboli), dutró (dutivo), fenim (fenni), gancar (ganvkar), jono (zonn), mate (mati), niro (niro), pacó (pako), pará (para), sandanam (san'nam), tulosse (tulxi), zatrá (zatra).

Utram bhair Konkaniicho probhav anik ek ritin Portugez bhaxecher poddla ani tachi-i khobor ek xixxok koso Monsenhor Dalgado amkam dita: Dialecto Indo-Português de Goa, mhonnche Gõychi Portugez boli. Hea pustokant hea vixim zaiti mahiti mellta.

que por sua vez os goeses sofreram de um complexo de inferioridade quanto á sua. O encontro destes dois complexos também foi um factor contribuinte.

Seja o que for, a bíblia ou o texto normativo quanto a estas influências permanecem as duas grossas obras de Mons. Sebastião Rodolfo Dalgado, a saber a “Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas” e o “Glossário Luso-Asiático”. O objecto da primeira é auto-evidente. A segunda obra, em dois volumes, conquanto modestamente intitulada e por isso algo decepcionante, trata da influência inversa, quer dizer, das línguas asiáticas no idioma português. As duas obras, cujo fôlego foi reconhecido com aplauso dos entendidos e até hoje continua a ser objecto de admiração universal, foram editadas esmeradamente pela Imprensa da Universidade de Coimbra. São obras de que até agora nenhuma congênera se aproxima. Tamanho é o quilate das obras e arrojado o esforço que o Autor envidou para as produzir. Ambas as obras já se esgotaram e era necessário republicá-las. A casa “Asian Educational Services”, de Nova Delhi, que publicara edições facsimiladas dos dois dicionários, infelizmente já se encerrou. Oxalá que saia á frente alguém para prestar esse benemérito serviço. Aliás só ficamos em escrever artigos e manter grupos.

Conheço dois senhores que, restringindo-se ao concani e sem se afoitarem a uma investigação científica independente mas recorrendo a Dalgado, deram á luz dois volumetos de vulgarização. Um é do meu amigo, o recém-falecido Prof. Dr. Eduardo de Lima, “Influence of Portuguese Vocabulary on Konkani Language”, a que tive a honra de apor um breve prólogo de crítica literária, e o outro do meu venerado Professor de Português Pe. Filinto Cristo Dias, “Vocábulos Portugueses de Origem Concani”, publicado em separata do Boletim do Instituto Meneses Bragança e constante de vinte e quatro páginas.

Para confecção do meu artigo servi-me do Pe. Filinto, compulsando por vezes o “Glossário” de Mons. Dalgado.

Pe. Filinto reconhece humildemente que não fez outro tanto que respigar do ‘magnum opus’ de Dalgado “vocábulos portugueses mais comuns que se filiam, quanto ao seu étimo próximo, no respectivo termo da língua concani”. Ele dá a lista de cento e quarenta e cinco palavras de origem concani,

Amchem durdoiv, mullinch thavn Göyche Portugez boliek hinnsailea, kiteak amche modem Portugalchi Portugez ulovpi somaz upzolo ani fokot Portugalchi Portugez iskolanim xikoili ani pustokam-i bi hech Portugezin boroilim. Zo kann Göychi Portugez boli uloitalo hachim fokannam korit. Tea bhair vortoman potramnim sthamb asle, zoim boliechea utrancher ani ulovpi pod'doticher boddient boddit marit.

Brazilak Portugez ek boli koxi suru zali. Ani thoim uloitat ani boroitat ti Portugez unnak mhonn Portugalche monis somzotale punn Brazilacho lok apunn uloita ti Portugez kiteantuch unni na mhonn xat'ti fuloun dakhoilem ani aiz Brazilache Portugezik kannuch boli mhunnonam. Portugalche Portugezi borobor Brazilachi Portugez ekach panvdear asa. Göyam toxench zavpachem. Göychi Portugez boli Portugalche Portugezi borobor man bhogpachi, punn durdhoivan oxem zalem na. Goddie Göykar ek lhan somaz ani Brazil vhoddlo desh. Hakai lagun.

Chotrai | Nota

Vistarnni ani bhaxantor lekhokachem

Versão ampliada e traduzida pelo autor

Boroupea vixim | Sobre o autor

Raiturche Siminarint adim pradheapok Kaidea Xastracho ani atam Sallganvche Siminarint Latim bhaxeche xixxok, 2012 vorsam Raiturche Siminaricho itihás pustok rupan porgottla.

Ex professor de Direito Canónico no Seminário de Rachol e atual professor Latim no Seminário de Saligão, é autor da monografia Rachol, publicada em 2012.

que, modificadas ou não, adquiriram cidadania no vocabulário português. Note-se que, ao contrário do inglês, o português, a imitação do francês, é recalcitrante em aceitar vocábulos estrangeiros.

Quando palavras concanis entraram no léxico português, adquiriram feição própria a este na grafia, na pronúncia, no género, na formação do plural, etc. Sons aspirados do concani caíram no português, consoantes cacuminais transformaram-se em dentais, pois o português não tem nem sons aspirados nem consoantes cacuminais.

Perlustrando o artigo do Pe. Filinto, menciono uns quinze nomes, por acaso, sem critério de escolha. A razão é a restrição do número de palavras, a que deve obedecer um escrito nesta coluna.

Abolim, s.m., nome duma flor. Do conc. Abolem através do seu plural abolim. Pl.: Abolins.

Bate, s.m., arroz. Do conc. Bhat

Cambolim, s.m., manta de lã grosseira. Do conc. Kambllem, através do pl. kambllim. Pl. cambolins.

Dutró, s.m., uma erva que, se diz, quando mastigada, causa riso intermitente. Do conc. Dhutro. Pl. dutrós.

Fenim, s.m., aguardente. Do conc. Fenni.

Gancar, s.m., membro da comunidade aldeiana. Do conc. Ganvkar. Pl. gancares.

Jono, s.m., rédito da comunidade. Do conc. Zonn. Pl. jonos.

Mate, s.m., terra. Do conc. Mati.

Niró, s.m., seiva do caju. Do conc. Niro.

Pacó, s.m., grande morcego. Do conc. Pakho. Pl. pacós.

Pará, s.m., molho e conserva de peixe condimentado. Do conc. Para. Pl. parás.

Sandanam, s.f., uma espécie de bolo de arroz. Do conc. Sandon através do pl. sandnam. Pl. sandanans.

Tulosse, s.m., planta venerada dos hindús. Do conc. Tullos. Pl. tulosses.

Zatrá, s.m., peregrinação dos hindús. Do conc. Zatra. Pl. zatrás.

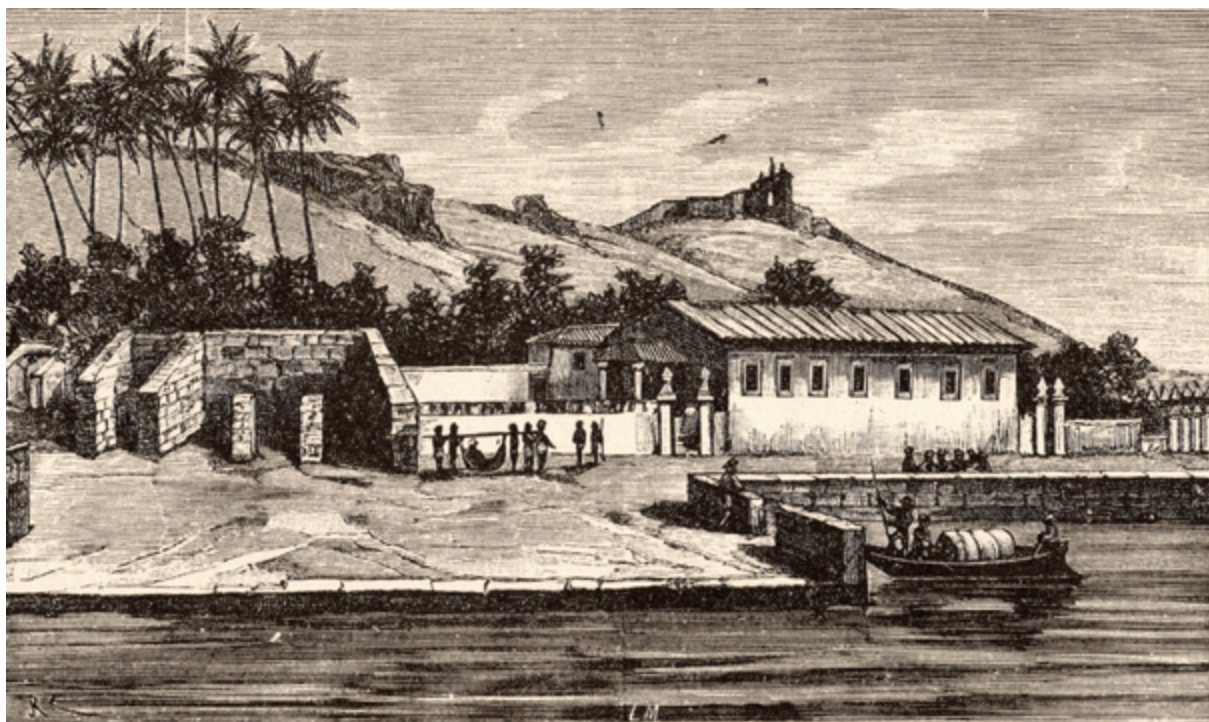
O concani, além de emprestar vocábulos à língua portuguesa, especialmente a fim de exprimir realidades próprias de Goa, também afectou e afecta a pronúncia e a construção sintáctica desta. Explica-se o primeiro, porquanto a configuração glotológica do goês é primariamente para a sua língua e não para a dos outros. Um goês querer pronunciar o português a lisboeta seria ridículo. Explica-se o segundo, porque, queira ou não queira, o concani é a língua da casa

e do em volta e a sua sintaxe não pode deixar de se reflectir na fala e escrita doutra língua. É o que sucedeu com o português e sucede com o inglês. O resultado tem sido o dialecto goês do português, a respeito do qual Dalgado dissertou com mão de mestre na sua obra “Dialecto Indo-Português de Goa”. Quem queira conhecer os contornos deste dialecto, só tem de consultar esta obra.

Fala-se hodiernamente, como novidade, da ‘descoberta’ do dialecto português em volta de Chaúl no Maharashtra. Dalgado descreveu-o detidamente no seu “Dialecto Indo-Português do Norte”, exemplificando a fala a cada passo.

Existe, porém, diferença entre o dialecto português de Goa e o doutras partes, pois em Goa sempre vigorou o português padrão, a vigiar, corrigir, extirpar, desprezar o dialecto, ao passo que isto não sucedeu noutras partes, onde o dialecto resvalou em um patoá.

No Brasil o português começou como um dialecto, mas com o tempo adquiriu foros de igualdade com o português falado na metrópole, de modo que o português de Portugal e o português do Brasil são dois pulmões com que respira a única língua portuguesa. O português de Goa podia ter sido um terceiro pulmão, mas, atentas as pequenas dimensões de Goa, o proverbial complexo de inferioridade dos goeses quanto á sua fala, o ensino do português metropolitano nas escolas, a existência entre nós de ‘mestres da língua’ que mantinham nos jornais secções periódicas a fustigar os chamados vícios mais correntes, Goa não teve esta dita.



Quartel do Destacamento em Mormugão (In: A. Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886, Vol I)

“Mining activity changed the face of Goa”

– says **Manuel (Manecas) Costa**, one of Goa’s senior-most mining concessionaires, in a chat with **Óscar de Noronha**, on the monthly Renascença Goa show.

“A actividade mineira mudou a face de Goa”

– afirma **Manuel (Manecas) Costa**, um dos mais antigos concessionários mineiros de Goa, em conversa com **Óscar de Noronha**, no chat show mensal Renascença Goa.

Use the following link to listen to the original chat in Portuguese on the YouTube channel of Renascença Goa:

[Link](#)



Figura 1. Interview with Manuel (Manecas) Costa | *Entrevista a Manuel (Manecas) Costa*

O.N. – Mr Manuel da Costa, to start with, please tell us how you got into the mining business.

M.C.: I was studying in Belgaum and I returned to Goa in the year 1952. Here, many people were talking about mining and the extraction of iron ore. I was quite interested in those conversations. I started a business of transportation of ore as there was a shortage of trucks. In fact, there was a shortage of all machinery for mining. I started with five lorries to transport mineral. In the first year I transported iron ore from M. S. Talaulikar Mines, from Sacordem to Collem railway station. Then I received another proposal to transport iron ore from Pissurlem. For the payment, Mr Vasudev Salgãocar came with his employee named Parkot who carried a small brief case full of money. In those days everything was limited because of a lack of finance. He came in a small car, Baby Austin. He was also in the beginning of business. And that year, I was informed that he extracted only 60,000 to 80,000 tonnes.

O.N. – Which year are you talking about?

M.C.: 1953 or 1954. Thus I launched into the mining business. When I went with my lorries to the mines, I used to observe the manner in which the material was extracted. I saw them separating the ore according to percentage. They extracted manually, everything by hand, with manual labour, as there was no machinery. Later on, I bought a compressor with a drilling attachment. And that is how everyone else also went on improving their mining extraction.

O.N. – Did this extracted ore already have a commercial demand?

M.C.: In the year 1954 or 1955, the exporters, namely, S. Shantilal, Vasudev Salgãocar, Chowgule, and some others were invited to Europe for consultations on financing by barter system. Under the barter system, ore would be exported from Goa. The purchasers had other agencies that were financiers; they were the intermediaries to ascertain that the ore would be furnished from Goa. For example, V. M. Salgãocar had a contract with Ciba, who were into pharmaceuticals. They probably also

had other activities. Ciba had a representative based in Goa to observe and ensure that Salgãocar would carry out the whole contract. With the barter system it was advantageous for them because they managed to purchase lorries and other necessary machinery. Salgãocar imported a shipload of Bedford trucks, and so did Shantilal and the other companies who also bought trucks and thereby improved their transportation system. Thus they improved their situation. However, business was limited and the prices were low, extremely low. As the work was manual, the sourcing and extraction of ore was limited and so exports were limited, too. The rates were low, so we had to organize our business in such a way as to manage to get some profits. The exchange rate was two rupees to the dollar. However, the other materials were cheap. For example, petrol was @ 10 paise per litre and diesel @ 8 paise per litre. Labour wages were standard but low as compared to today. And that's how our business went on.

Mining Laws and Processes

O.N.: Mr. Costa, when was the first law of mines decreed?

M.C.: It was the Declaration of 1906.

O.N.: And when did mining activity begin?

M.C.: Surveys were being carried out. In 1908, a French company from Calcutta came to Goa to carry out a geological survey. As they didn't have the machinery that we have nowadays, they opened a tunnel digging up to 4-5 metres.

O.N.: In which part of Goa was the tunnel?

M.C.: There dug two or three tunnels in Mulgao, Bicholim. Subsequently, six claims were put up by M. M. T. de Souza.

O.N.: Did the land belong to the Comunidades or to the State?

M.C.: This I don't know; maybe partly private and partly State.

O.N.: *When was the first concession given to Mr De Souza?*

M.C.: In 1941.

O.N.: *From 1908 to 1941... Well, that was quite a long interval!*

M.C.: It was a long interval, but I had heard that one Mr Pereira from Vasco da Gama also had a concession in Sacordem or somewhere around there and had been extracting ore much before 1941.

O.N.: *How were these concessions granted? What was the process?*

M.C.: In those days, unfortunately, money was in short supply. If anyone had a hundred rupees, everyone around would say, 'Oh! Here comes a capitalist'. To get a license for mines, four or five guys used to get together and contribute Rs 50, Rs 40 and Rs 20 and put together Rs 200. Then they could apply to the Government for a mining concession.

It was a simple process. All the local demarcation points had to be made. The person who applied had to fix a plaque in one or two places. Thus people could read the name of the person who had applied. These nameplates were fixed on trees or some visible spots. And the sign had to mention that so and so had applied for a 'claim'... using this word, 'claim'...

O.N. *You mean the word 'claim' in English?*

M.C.: Yes, claim for this plot for extraction of iron, manganese or something to that effect. The sign plate would remain there for some time. After the application was made, the government would publish in the official gazette that that particular area had been applied for by so and so person, giving 180 days for anyone to file any appeals. After this time had lapsed, the government would issue a certificate of manifest. The people holding these manifests could approach different individuals and offer to sell them for a better price. These were sold for a profit of two hundred or four hundred rupees. The person who bought the manifest would then continue the process of registration, which cost less than a thousand rupees.

Thus they would manage to get a title of concession.

O.N.: *Was this title of concession for life?*

M.C.: This title of concession was a perpetual lease, as if it was your personal property. The person would be the owner of the concession.

O.N.: *Were there any other conditions and charges? How did he pay the State?*

M.C.: During those days, the Portuguese charged a pittance. Even during the exploration, the charges were not very high. Many people took this initiative because the process was more liberal.

O.N.: *What about technical personnel?*

M.C.: Well, in those days there were hardly any technicians. Even big companies did not have competent technicians or geologists. There were some companies who were assayers to analyze the ore and determine the percentage of iron and manganese content in the ore. But there were no proper machines to determine what was lying below the soil. It was difficult due to the lack of proper machinery; however, two or three companies brought geologists from Germany, etc. That was a novelty in those days.

O.N.: *Where was this ore exported to in those days?*

M.C.: Initially it was meant for Europe, but soon thereafter, the Japanese came and met some mine owners here, especially Chowgule that tied up for a long association with that Japanese company. In those days, Chowgule was in the initial stage of their business and so was the Japanese company, as their business had been badly destroyed by the Second World War.

O.N.: *Was the mining industry well established and organized? I mean, was there any association of miners?*

M.C.: No, almost none.

O.N.: *Did they not have an association during the Portuguese regime?*

M.C.: There wasn't any, nor was it necessary.

O.N.: *And when was the Goa Mineral Ore Exporters Association set up?*

M.C.: The Exporters Association came up well after Liberation. The Goa Mining Association also came up later.

Benefits of Mining in Goa

O.N.: *What were the benefits of the mining industry for Goa?*

M.C.: In Goa, around the 1950's, there were no industries. There were agriculturists, etc. Some people worked on ships or proceeded to Bombay for other employment. There was no room for progress. Schools were limited and studies were in the Portuguese language.

O.N.: *So, the mining industry came and changed the face of Goa....*

M.C.: Yes, mining changed Goa in a big way. There were great changes, because normally the mines were located in the interior. And where there were mining deposits there were no proper roads, especially in the districts of Bicholim and Satari, Dharbandora, Sanguem and part of Quepem. In Canacona, there wasn't much mining. All these districts that I just mentioned were part of Novas Conquistas (New Conquests). The Velhas Conquistas (Old Conquests) were more advanced; there were proper roads, cities with electricity, etc. and life was more comfortable. But the Novas Conquistas really needed much help. There were no proper schools, no proper hospitals, almost no transport and there were no roads for transportation. For example, there was a road from Mapuçá which passed through Sanquelim, Bicholim via Usgão, came to Pondá and proceeded to Margão. They were mud roads without asphalt and the journey was very uncomfortable. Nowadays, if there is a pothole here or there, there are protests all over the place. They do not know the difficulties we went through.

O.N.: *So, in the initial years of mining, it wasn't a simple life!*

M.C.: It was quite hard not only because of the lack of transport but our lifestyle itself was totally different. There was nothing to eat and drink in those areas, and one had to travel at least 6 km to get a cup of tea.

O.N.: *Were you staying at the mines?*

M.C.: Yes, I was. I had a small little hut. And when I built the house, I also had my supplies. But also the work increased tremendously. One had to go from the mines to the point of embarkation where the barges were loaded. All the work was manual. Later on these docks were mechanized and they were loaded with self-loading trucks. Of course, in my time, to load up a barge of 250 tonne capacity, we needed 200 people. They used troughs, which were loaded with material and carried on the head and dumped in the barge over a gang plank/jetty which was made of wood. It was a temporary structure. Fortunately, the laws were not so rigorous. Today, to do something, it requires at least five to fifteen licences. My ore would be transported over a distance of 6-7 km to the jetty. The lorries were loaded and discharged onto the barges, again by hand. I used to be paid only Rs 11 for a tonne of ore. But then, that was money in those days!

Getting out of the Impasse

O.N.: *Mr Costa, the mining industry has reached an impasse. How does one come out of it?*

M.C.: Very difficult. In 1987, when our concessions were converted into mining leases, we the miners referred the matter to the Supreme Court, explaining that we had perpetual leases which were ours personally. Unfortunately, the case has not yet been taken up for hearing by the Supreme Court.

O.N.: *Do you still work?*

M.C.: Oh yes, I still work. I mean, even though the mining business has been discontinued, there is still a lot of work left to be done; we still have to handle many of the issues.

O.N.: Working is good for health!

M.C.: Yes, I agree, it's very good for health!

O.N.: One last question... What if you had to start all this work in mining once again...?

M.C.: Under what conditions? Today we are quite advanced in the exploration of mines. We know the mining laws. But I saw what happened in the years 2005, 2006 and 2007, when the demand for iron ore increased, the way the local people and the NGOs acted. If we restart the business, we know what to expect.

O.N.: Anyway, you have done what was possible and what needed to be done; you've worked 50 years in mining and are the oldest man in the Goa mining industry....

M.C.: One of the oldest!

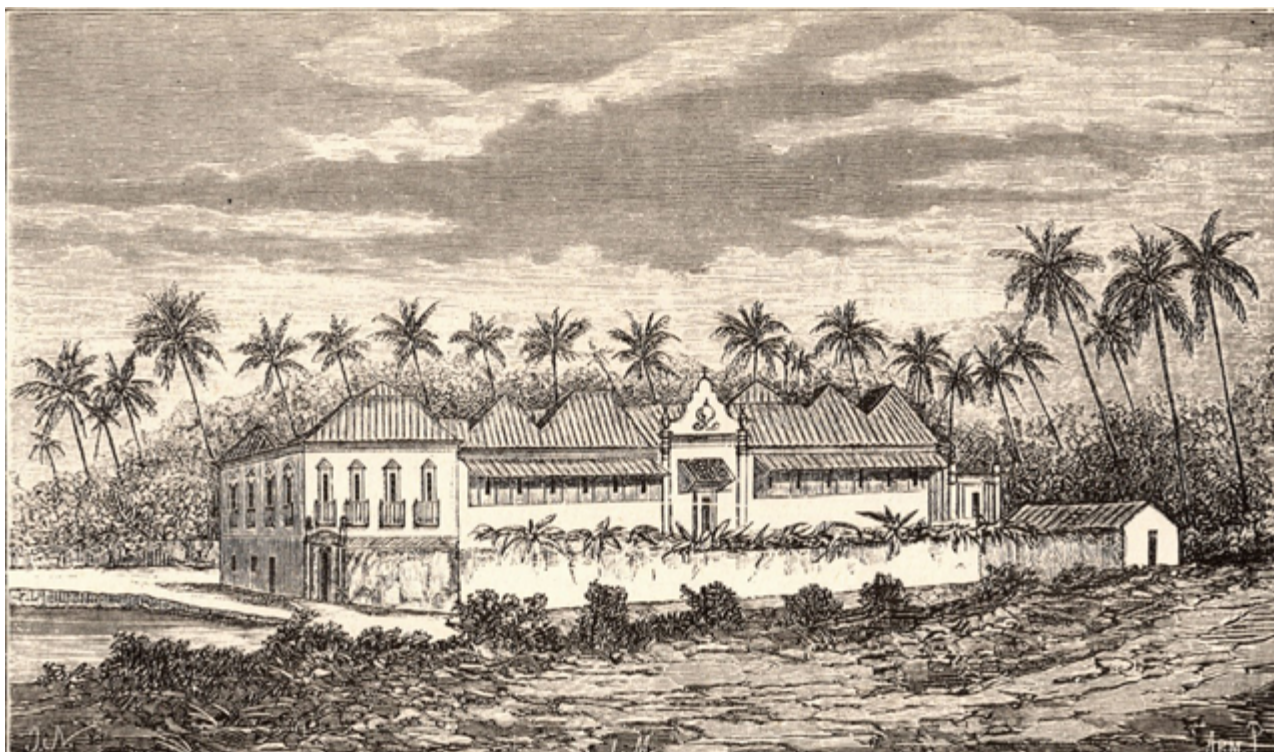
O.N.: And so, let me wish you good health and lots of happiness.

M.C.: Thank you very much.

Acknowledgment | Reconhecimento

Interview translated from Portuguese by Caetano Filipe Colaço.

Entrevista traduzida para português por Caetano Filipe Colaço



Palácio do Conde de Nova Goa (In: A. Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886, Vol I)

IN CONCERT WITH THE WORLD DIRECTED BY ISABEL DE SANTA RITA VÁS

IN CONCERT WITH THE WORLD
DIRIGIDO POR ISABEL DE SANTA RITA VÁS



Maria Ana Barbosa Noronha e Costa

Retired teacher from Margão, Goa

Professora aposentada, de Margão, Goa

Abstract

Film dedicated to the life and work of the writer Victor Rangel-Ribeiro and his wife Lea.

Resumo

Filme dedicado à vida e obra do escritor goês Victor Rangel-Ribeiro e sua esposa Lea

Victor Rangel-Ribeiro is no ordinary Goan. His simplicity may trick one into that conviction, but only a close association with him will reveal the truth. This fact has been portrayed skillfully through the short, 50-minute film on him and his charming wife, Lea, aptly titled ‘*In Concert with the World*’.

The film allows a peek into the life of this admirable couple; their sweet love story, their family bonds and their unique talents which blossomed to the full through mutual support. It takes the viewer on a pleasant trip through their life’s work that covered writing, music direction and mentoring, to name just a few. We realise that Victor Rangel-Ribeiro is an outstanding personality, much admired and highly respected, not only in the intellectual circles of Goa and India, but also in the US, which he and his wife chose to make their home. Many reputed names from various walks of life, who were interviewed, testify to this: author Damodar Mauzo; artist Subodh Kerkar; cellist Teresa Figueiredo; industrialist Dattaraj Salgaocar; publicist Frederick Noronha, and multiple other equally famous people,

all leaders in their own fields of work.

Lea Rangel-Ribeiro is seen as a role-model, exemplary wife and mother, a gifted music teacher whose remarkable talent was noticed by none other than the UN, at whose request she took up the post of principal at the UN-run junior school of music in New York. Her character, poise and ability to forge relationships despite difficult environments, is brought out amply through the visuals, and particularly through the impressive recitation of the poem composed by Sarah Kay, a student admirer. Her daughter Eva, as also Fatima da Silva Gracias, Shaila Mauzo and Subodh Kerkar are all praise for Lea as they reminisce.

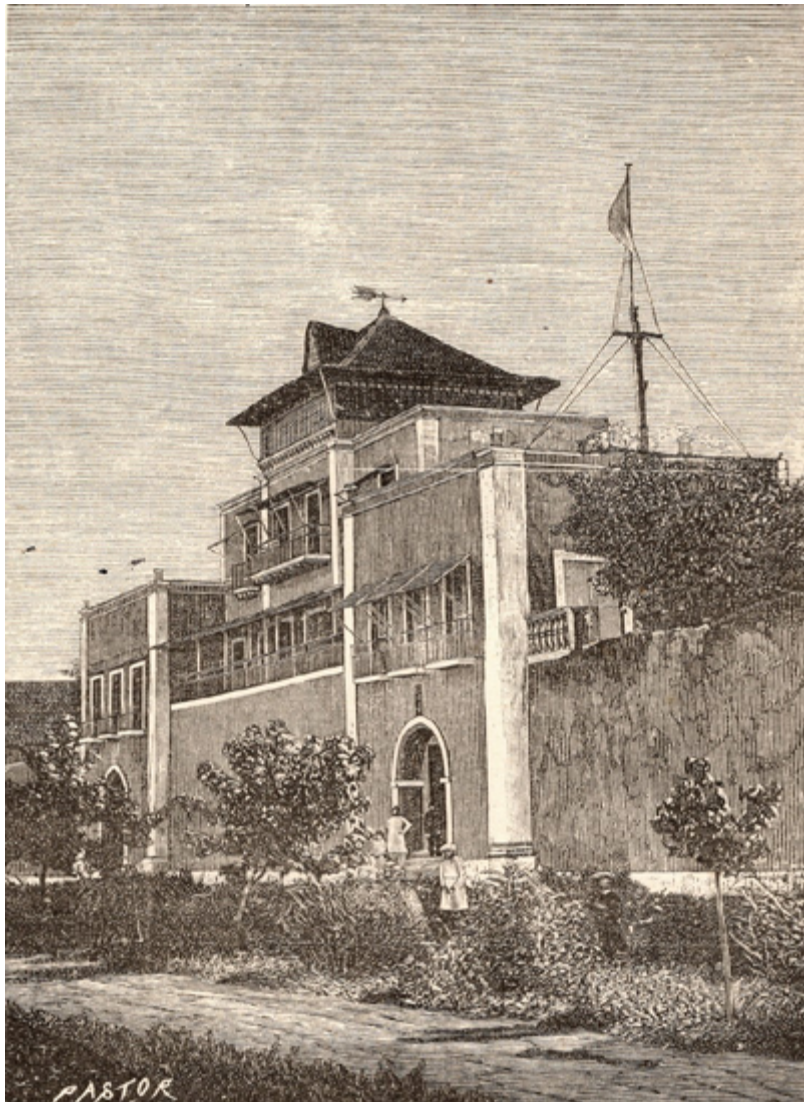
Apart from the wonderful opportunity to listen to the frank and direct Victor Rangel-Ribeiro himself, the producer of this film has done an excellent job juxtaposing those interviews with scenes from the enactment of Victor’s much acclaimed and awarded books, viz *Tivolem and Loving Ayesha*. The acting provided light-hearted spice to the film even as its input contributed to

the viewers' perception of the lovable couple.

Benjamin Franklin wrote: "Hide not your talents, they for use were made; What's a sun-dial in the shade?" Had Victor and Lea hidden their talents or used them only for self-aggrandisement, much would have been lost. The profound expressions of gratitude coming from writers like Braz Menezes, José Lourenço and Willy Goes, among others, are proof of the indelible impact that Victor had on the direction of their lives. He is appreciated not just for his vast knowledge but also for his humour, his sincerity and his devotion to the cause of helping others grow in their vocation. One has only to hear the generous outpouring of compliments from Vivek

Menezes; Aniruddha Sen Gupta and wife; Amitav Ghosh; Alexyz; Tecla Fernandes and Conor Macklin, to conclude that this one man did indeed touch the lives of many.

An amusing comparison is often made between a good speech and a mini skirt, that it should be long enough to cover the essentials yet short enough to arouse interest! Well, this film does exactly that. The clever way in which this film presents its various elements suffices to make the viewer want to know more, while simultaneously leaving the viewer satisfied at having encountered an eminent and extraordinary Goan couple in Victor and Lea Rangel-Ribeiro.



Torrinha do Palácio de Damão

(In: A. Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886, Vol I)

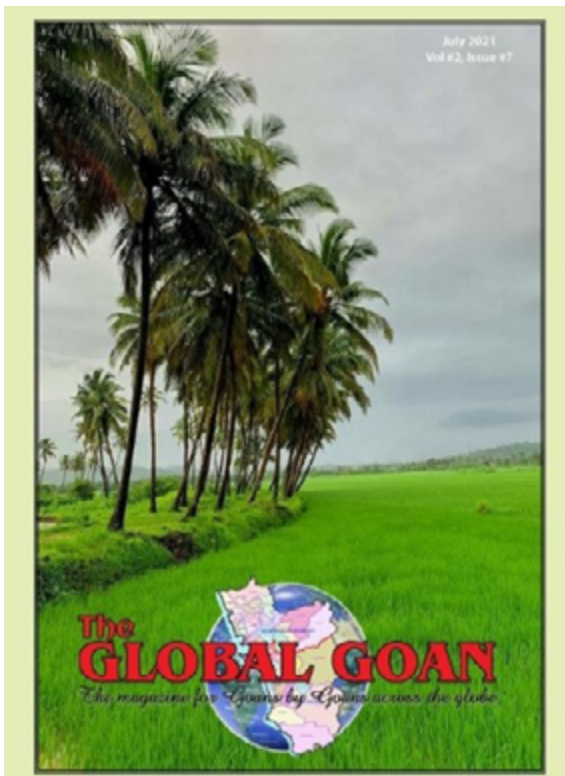


[The Global Goan - The magazine for Goans by Goans across the globe](#)

Parceira da Revista da Casa de Goa | Partner of Revista da Casa de Goa

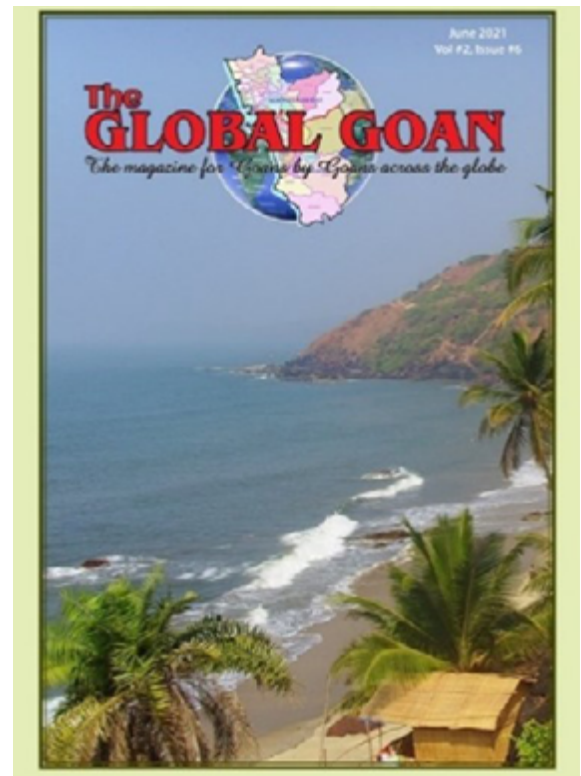
Anunciamos os dois últimos números da The Global Goan

We announce the two last issues of The Global Goan



July 2021, vol. 2, issue 7

[Acesse aqui](#)



June 2021, vol. 2, issue 6

[Acesse aqui](#)

PALESTRA “GOA E GOANIDADE”

Promovida pelo *Rotary Club Lisboa Parque das Nações*, sob a presidência do Dr. Pedro Colaço, e em colaboração com a Casa de Goa, realizou-se no dia 14 de junho de 2021 a palestra dedicada a **Goa e Goanidade**, proferida pelo **Dr. José Filipe Monteiro**, cofundador da Casa de Goa.

O palestrante ofereceu uma perspetiva abrangente e muito bem fundamentada sobre a identidade muito própria de Goa e dos Goeses. Atendendo ao contexto pandémico, o evento decorreu via Zoom, contou com mais de 100 participantes e foi muito elogiada. A seguir à palestra, seguiu-se um vivo e interessante debate.

O evento completo está disponível no YouTube: [\(aqui\)](#)

LECTURE “GOA AND GOANITY”

*Promoted by the Rotary Club Lisboa Parque das Nações under the leadership of Dr. Pedro Colaço, and in partnership with the Casa de Goa, a lecture wholehearted to **Goa and Goanity** was given by **Dr. José Filipe Monteiro**, co-founder of Casa de Goa, on the June 14, 2021.*

The speaker offered a comprehensive and well-founded perspective on the unique identity of Goa and the Goans. Given the pandemic context, the event took place via Zoom, had more than 100 participants and was highly praised. The lecture was followed by a lively and interesting debate.

The full event is available on YouTube: [\(here\)](#)